

ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS

V ANTOLOGIA

CONTOS | CORDÉIS | CRÔNICAS | POEMAS



ESCADA 2017


**Edições
Rascunhos**

ORGANIZADORES

Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto
Tarcísio Augusto Alves da Silva
Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães de Melo
Valderês Conceição dos Montes

V ANTOLOGIA

Contos – Cordéis – Crônicas - Poesias

ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS

Biênio 2016 -2018

Escada, dezembro de 2017.

EXPEDIENTE

ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS – AELE CASA TOBIAS BARRETO BIÊNIO 2016-2018

Presidente

Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto

Vice-presidente

Adriano de Souza Sales

Secretaria

Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães de Melo

Maria Elizabeth Varela Leocádio

Diretoria Financeira

Isabel Cristina Pereira de Oliveira

Vice-diretora financeira

Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso

Diretoria Social

Waldyr José Siqueira

Diretoria Jurídica

Severino José Lins

Diretoria de Comunicação

Cícera Maria de Araújo Izídio

Diretoria de Biblioteca

Valdeci Leocádio de Siqueira Filho

Maria de Lourdes Assis

Diretoria de Pesquisa e Extensão

Tarcísio Augusto Alves da Silva

Comissão Acadêmica e Publicação

Valderês Conceição do Monte, Rosilda Araújo da Silva, Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso, Elda Quirino Melo dos Santos, Marcelo Ricardo Moreira e

Maria Elizabeth Varela Leocádio

Comissão e Ética e Justiça

Francisco de Assis Silva, Maria Patrícia Cabral, Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso, Mariinha Leão

Conselho Fiscal

Conselheiros titulares: Luiz Henrique de Albuquerque Bastos, Maria Marta Lima de Souza, Valdeci Leocádio de Siqueira Filho e Eli Rodrigues.

Membros suplentes: Marcos Galdino, Maria Elizabeth Varela Leocádio e Mariinha Leão

Comissão de Cerimonial e Eventos

Maria Marta Lima de Souza, Aléx Antony Cruz de Mendonça e Maria de Lourdes Assis.

Oradora

Sevatil Lôbo de Siqueira

Coordenação de Jovens Intelectuais

Jéssica Maria dos Santos Soatman

Aléx Antony Cruz de Mendonça

Coordenação de Membros Honorários

Carlos César Ferreira de Queiroz

Flíncia Barboza da Silva

Coordenação de Membros Correspondentes

Silvia Gomes Pereira

Suely Telma Vieira Costa

CONSELHO EDITORIAL

Elda Quirino Melo dos Santos

Faculdades da Escada - FAESC

Rosilda Maria de Araújo

Faculdades da Escada - FAESC

Juliana Alves de Andrade

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Humberto Miranda da Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Marta Margarida de Andrade Lima

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Edson Helly da Silva

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

REVISÃO

Elda Quirino Melo dos Santos

Rosilda Maria de Araújo

Maria Elizabeth Varela Leocádio

Marcelo Ricardo Moreira

CAPA

Adriano de Souza Sales

Ficha catalográfica



APRESENTAÇÃO

Começar a apresentação de uma obra é sempre um desafio para mim. Desta vez o desafio parece ser maior por ser esta uma obra que reúne textos literários. Como professora de Biologia, doutora em Ensino de Ciências, a produção de poemas, cordéis, crônicas e contos não é minha especialidade.

No entanto, ocupando o posto de professora, sou agente cultural e não advogada de uma única cultura. E é imbuída de tal compromisso que mergulho, então, nessa tarefa tomando como referência o pensamento do escritor/biólogo luso-moçambicano Mia Couto (2011)¹, para traduzir o sentimento que me toma nesse momento sobre as diferentes culturas/linguagens de produzir a realidade e, portanto as diferentes formas de expressão presentes nos gêneros que compõem essa obra:

Ao lado de uma língua que nos faça ser mundo, deve coexistir uma outra que nos faça sair do mundo. De um lado, um idioma que nos crie raiz e lugar. Do outro, um idioma que nos faça ser asa e viagem. Ao lado de uma língua que nos faça ser humanidade, deve existir uma outra que nos eleve à condição de divindade.

Portanto, é com esse entendimento e com a compreensão de linguagem como algo que faz com que o mundo esteja aberto para nós, que honradamente apresento a todos vocês, leitores, a **V Antologia da AELE**. A obra, constituída por Contos, Cordéis, Crônicas e Poesias de autores com experiências e formações diversas consagra o ano de 2017. A produção de uma Antologia representa a obra mais significativa numa Academia de Letras.

Nesta **V Antologia** estão reunidas histórias e memórias que caracterizam os vários “eu” presentes nos diversos textos que contemplam a presente obra. A meu ver são autobiografias poéticas. Em cada trecho reconheço um autor, em cada verso caracterizo um perfil, em cada sentimento expresso identifico um valor. Não importa como se comportam, o que importa é saber que cada um pode escolher, decidir o seu próprio eu. O processo de decisão do próprio eu exige querer se conhecer, conforme nos retrata o trecho do poema Resposta ao Jorge /Ecos de Portugal em Chaves (2013), “Quero

¹ COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** E outras interinvenções. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

saber-me/Descobrir o que há em mim e, /O que em mim não sou eu/Dai decido/O que recolho do fundo/O que devolvo pro mundo/O que transformo em meu”.

Os autores dessa obra decidiram e escolheram. Escolheram nos encantar com suas histórias, com suas memórias, com suas verdades, com suas saudades.... Parabênz e agradeço a todos esses brilhantes escritores por nos proporcionarem esta preciosidade: Adilson Gomes, Adja Silva, Adriano Sales, Amanda Danielle, Camila Ferreira, Carlos Cézar, Cícera Izídio, Dandara Nirvana, Dea Coirolo, Denis Cavalcanti, Emmily Santana, Jerfferson Oliveira, Luiz Henrique Bastos, Maria Betânia Oliveira, Maria José Guimarães, Rosilda Araújo, Samuel Melo, Teresinha Melo, Valdeci Leocádio e Waldyr Siqueira.

Convido a todos para mergulhar na aventura do conhecer. Conhecer essas memórias, essas histórias, conhecer... Tenho certeza que vocês irão adorar.

Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto
Presidente da AELE
Biênio 2016-2018

PREFÁCIO

Ser convidada para fazer o prefácio da V Antologia da AELE, é uma honra que agradeço àqueles que assim o fizeram.

Depois de lidas as crônicas, contos, relatos e poemas, dos diversos confrades participantes, farei meus comentários sobre alguns dos regimes literários de forma geral. É muito difícil falar de um autor e suas características pessoais de estilo, utilizando-se apenas um ou dois textos. Faz-se necessário ser conciso e apenas dar um voo de pássaro por sobre as obras. De nenhuma maneira são qualificações sobre o autor, apenas comentários.

Aparecem aqui alguns textos de conteúdo histórico, e naquele chamado *“Escada como Cidade Pluricultural”*, descrevem-se algumas particularidades da criação da cidade, e detalhes atuais de lugares e pessoas, utilizando-se prosa poética, com um final forte e de estética impecável. Diz ao autor: *“...Escada da Ladeira do Lava Pés, e tantas outras escadas, onde a cultura escadense se apresenta e fervilha, multiplica-se”*...

No poema *“Independência ou Morte”* – com rima verso sim, verso não, que dá força a estrofe, o autor revela um conteúdo de esperança sobre as possibilidades que oferece o Brasil. Porém, em determinado momento dos versos aparece a crítica: *“...Essa Independência volátil, // que no passado despreza // tanto sangue viril // a favor da realeza”*. Depois desta expressão, nos últimos dois versos o poeta diz: *“...Da luta faz a sua proeza // esse é nosso perfil”*, colocando assim subjetivamente a pouca esperança que resta.

Encontramos um conto espetacular, que na realidade é uma dura crítica política à corte que reina em Brasília, nas capitais dos estados e nas capitais dos municípios. É um texto logrado, encantador e muito bem escrito, que faz rir e chorar ao mesmo tempo. *“Quem está comendo queijo?”* é um conto atualíssimo para o Brasil de hoje, onde campeia a corrupção desmedida. Vale a pena ler e seguir o texto com atenção, sobre o que acontece no mundo dos ratos e ratazanas. No final uma pequena esperança triunfante da justiça, quando os corruptos não conseguem ser eleitos. Nem tudo está perdido no cenário dos ratos.

Um pouco história, e outro tanto história, encontramos também um cordel expressivo, onde se canta aos Acadêmicos amigos da AELE, relatando pontos de interesse sobre cada um; é um cordel que fala sobre a “*Mania de se encontrar*”, e da força da amizade que como luz clareia sem parar, do coração pleno de carinho por amigos para sempre, do bem que faz compartilhar momentos e de que amigos são irmãos numa nova família, neste caso, acadêmica.

Entre as crônicas sobre a vida e a infância, destaca-se um relato de medo, em que a heroína que conta a estória autobiográfica, sofre no final tanto medo quanto sua vítima. Peraltices de crianças muito bem colocadas e escritas num texto interessante, onde o imaginário ganha espaço.

Outra crônica sobre momentos felizes da infância da autora consegue trazer ao leitor à beira da ternura, ao amor entre primos que brincam juntos, ao respeito e admiração aos pais, a importância do trabalho e do lazer, aos momentos de reuniões familiares. Com clareza, doçura e belas descrições, a autora nos leva a ver seu mundo infantil do passado. “*Minha Infância*” é um texto quase que de costumes, de uma época na vida das pessoas do interior que hoje está praticamente extinta, pelas condições da vida do homem atual.

Um poema em que se lembra a infância da autora, chamado “*A Promessa*”, resgata costumes, valores e credences do passado. A protagonista é a poeta menina, doente, magrinha, e os cuidados da sua mãe, com carinho, e da forte presença da avó e sua fé no Padre Cícero. Traz-nos elementos culturais da época, a força da religião e da fé do nordestino, porém no relato que se estabelece ao longo do poema, observamos que esta mesma fé, os leva a cometer desatinos para cumprir uma promessa. Doem no leitor as palavras da menina, que sofre o corte do seu cabelo, tão bonito, tão cuidado, num momento terrivelmente dorido da vida da escritora lembrado no poema. O constrangimento e a dor da criança que sofre “*bulling*” naquela época está presente neste poema autobiográfico. Doe ler esta estrofe curta e poderosa: “...-Como é que dá para cortar?//E ela disse:-só a la homem//Coitada, sem poder nem vacilar”. Ela, a autora, resgata a figura materna, e a perdoa com essa única palavra: “*Coitada*”. Muito bem feito este relato poético, que reúne tanta diversidade de elementos, como medo, fé, religião, promessas, curandeirismo e costumes. Quando os pais amorosos prometiam seus filhos a

Deus, vesti-os como santos ou como neste caso, imolando uma cabeleira dedicada ao Padre Cícero. Crendices terríveis da época faziam muitas crianças sumamente infelizes.

O poema *“O Pé de Castanhola”* refere-se a uma grande e bela árvore que foi muito importante na vida duma criança. Era uma árvore assombrada. O poeta coloca personagem das lendas brasileiras como o lobisomem, a comadre florzinha, e outros que apavoravam a infância local. A imaginação infantil fez com que aparecesse *“A Mula Sem Cabeça”*. No final a brincadeira do “primo virado” quase enlouquece a protagonista, que é salva porque nada do testemunhado foi verdade. Lindo texto, divertido e que finaliza com estes versos: *“...Pois se tudo fosse verdade//não seria eu, a primeira refeição”*.

Encontramos vários poemas que falam do amor, da vida, da piedade. Faço aqui um pequeno comentário de cada um.

“Águas da vida” – É um poema onde a poetisa escreve eroticamente de forma muito delicada sobre diversos momentos da vida do homem, onde a humildade sempre está presente. Finaliza com versos que dizem: *“A água que é o início//é o fim da aventura humana”*.

“Piedade atemporal” – Apresenta-nos conceitos do poeta que descreve com belas imagens o que para ele é o conceito de piedade. Finaliza de forma contundente dizendo: *“...Tenho piedade do tempo//onde a piedade é atemporal”*.

“Poema I” – Fala dos sonhos do poeta; um sonho enorme: *“Celeste imperial, navega//sob o silêncio da imensidão//*, e de imediato surpreende o leitor com a expressão *“Vou sepultá-lo aqui mesmo”*. É um poema onde o “eu” desesperado cai na quase depressão, quando finaliza assim, na última estrofe: *“Viver só de momentos//sem nenhuma lembrança//como os pingos de chuva//num cair, se dissipar e recomeçar”*.

“Amor sagrado” – É um poema onde vão passando belas imagens para descrever um amor que o poeta sacraliza. Destaco dois versos: *“...É guerrear com anjos//pelo calor de tua boca”*. Bonito e conciso.

“Melancolia” – É uma prosa poética estupenda onde imagens e metáforas de extrema beleza sucedem-se sem dificuldade. Contem expressões de elevado conteúdo estético, como quando a escritora compara seu estado de espírito com um velho violão, dizendo: *“Cansada e solitária tanto quanto*

aquele violão surrado, encostado na parede, que mal conseguia fazer um acorde melancólico. Texto curto, porém de extrema beleza e qualidade, de uma jovem que com trabalho e dedicação poderá chegar a ser indubitavelmente uma grande escritora.

“Felicidade” – Poema curto, simples e claro. O poeta estabelece conceitos em versos como estes: *“...A felicidade é viver o agora//e muitos só a percebem//depois que ela foi embora”*.

“A Drummond de Andrade” – Desenvolve algumas ideias filosóficas com belas imagens, como esta que fala da saudade *“...Pois a espera abre no peito uma ferida//e aumenta a saudade da pessoa querida//pois a sua ausência nos traz muitas tristezas”*.

“Aldravia” – Uma única aldravía em toda esta antologia, bem lograda, porém com um verso a mais do que se estabelece como regra. São seis versos, e esta tem sete. Estes versos encaixados um no outro, expressam muito bem o sentir do autor. *“Gosto//amo//sinto//respiro//suspiro//por//você”*. Sem o primeiro verso “gosto” ficaria dentro dos padrões de estrutura. Isto pode ter passado despercebido pelo autor, por ser jovem, por ser um recente escritor de aldravías, porém não diminui a beleza e a força deste pequeno poema.

“Relicário” – Este poema é uma encantadora composição onde o eu lírico canta com uma cuidadosa estética, as dores da vida humana, aos momentos de paz ou felicidade, e a importância de guardar o bom e o belo, esquecendo o mal, as rejeições e tudo o que as pessoas podem ter passado de negativo. Bonito poema, bem escrito, onde o poeta aconselha como saber viver: *“Mas feche o baú dos amores passados//esqueça tudo que trouxe ferida//causadores de dor e indignação//pois, as lembranças das coisas vividas//nos mostram o relicário da vida”*.

“Aquilo que vem de você” – Esta é uma composição poética cuidadosa, equilibrada, bem estruturada e que possui um verso que se repete para marcar os sentimentos e a percepção do ser amado pelo poeta. Tem belíssimas imagens como nesta estrofe: *“Catedrais//serestas de pedra”* ou *“Nas uvas da tua volúpia”* ou *“No barro germinam pétalas//vermelhas//numa tarde vou colher//aquilo que vem de você”*.

“Sentirei tua falta” – Expõe o sentimento da autora, desenvolvendo uma ideia de forma encantadora como quando fala da saudade diz: *“A saudade é um buraco no tempo//que a vida levou”*, e depois repete dizendo: *“O tempo e voou// e não tocou um clarim”*. Bonito.

“A arte da conquista” – É um texto no qual o autor faz uma crítica aos encontros amorosos de hoje, resgatando os valores e encantos do passado e finalizando com uma série de conselhos dirigidos á juventude sobre a conquista do homem para com a mulher: *“...Se realmente é esta a que você quer, terá que reconquistá-la sempre”*.

“Ser professor” – Descreve as benesses desta profissão apesar dos inúmeros trabalhos e esforços que exige. Enaltece a vocação e expressa que é: *“...Uma dádiva de Deus”*. Está bem escrito e equilibrado e mostra-nos que o escritor é professor, o que sente respeito a si mesmo, e aos outros engajados na educação.

“Quanto vale uma amizade?” – O escritor encontra e utiliza várias expressões que resumem o que ele acredita sobre a amizade. Bem feito. Destaco a frase: *“...É sonhar os mesmos sonhos, é brigar por opiniões diferentes, é se amar, apesar de tudo”*, e com palavras marcantes esclarece: *“...A moeda fundamental para o amor é a amizade verdadeira, aquela que não se pode pagar”*.

“Diversidade espiritual” – É um texto escrito em prosa poética. O autor faz comentários sobre distintos aspectos do humano, com a crença em Deus, o respeito pelo Divino, a compreensão ao outro, a empatia, a aceitação da diversidade, e à tolerância. Filosoficamente dirige-se ao leitor esclarecendo-lhe que a relação humana estabelece-se por duas vias: *“O outro busca em nós, o que lhe falta”, e nós buscamos nele aquilo que não temos*. Para ele o outro é o Divino, porque o Divino habita nele. Finaliza seu texto forte, delicado e sábio, com a seguinte afirmação: *“A plenitude é um estado espiritual//que buscamos no Divino//e precisamos compreender//a diversidade singular do outro//que busca sua completude para ser Divino”*.

Os poemas, *“Alcantilado”*, e *“Ancoradouro”* ficam para serem comentados por você leitor, escritor, poeta, confrade ou confrreira. Leiam e comentem sem pena. Esta prefacista não pode escrever daquilo que lhe pertence.

Final: Esta Antologia da AELE, é um verdadeiro caleidoscópio de formas, temas, relatos, poemas, contos, textos. Obrigada pela confiança que me permitiu ter nas mãos uma joia da criação literária acadêmica escadense.

Dea Coiroló//Dea Cirse Garcia Coiroló Antunes

Gravatá – PE

SUMÁRIO

Apresentação

Prefácio

POEMAS

Escada uma cidade pluricultural

Adilson Gomes da Silva.....

Saudades

Adja Silva.....

Piedade atemporal

Adriano de Souza Sales.....

Desamores

Amanda Danielle da Silva Rocha.....

Ser professor.....

Quanto vale uma amizade?

Ser feliz, é pedir muito?

Felicidade

Camila Ferreira da Silva.....

A Drummond de Andrade

Houve um tempo

Aldravia

Quem sou eu

Carlos César Ferreira de Queiroz.....

Independência ou morte!!

Relicário

Amor sagrado

Cícera Maria de Araújo Izídio.....

Alcantilado

Ancoradouro

Benzedeira nordestina

Dea Cirse Garcia Coirol Antunes.....

A pequena rua

Um quintal no mês de janeiro

Aquilo que vem de você

Grito

Denis Ricardo Cavalcanti.....

Sentirei tua falta

Só um relance

Emmily Gabrielle Lira de Santana.....

Alegria, tristeza

Reencontro

Conselho

Sinopsia

Getúlio T. Chaves Andrade.....

Poema I

Poema XI

Poema XXV

José Jefferson de Oliveira Silva.....

A promessa

O pé de castanhola

Maria Betânia de Oliveira.....

Águas da Vida

Só te vejo na vida

Há que sempre se olhar dentro de si

A vida em mim

Maria José Oliveira Guimarães.....

Tobias Barreto

As caatingas de Tobias

Samuel Melo.....

Diversidade e Espiritualidade

Waldyr José Siqueira.....

CRÔNICA

A morte da esperança

Flíncia Barboza da Silva.....

CORDEL

Mania de se encontrar – 2013

Valdeci Leocádio de Siqueira Filho.....

CONTOS

O Dia do terror I

Amanda Danielle da Silva Rocha.....

Melancolia

Dandara Nirvana Oliveira da Silva.....

Um método de alfabetização avançado

Luiz Henrique e Albuquerque Bastos.....

Quem está comendo o queijo?

Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos.....

Minha infância

Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães de Melo.....

OUTROS

A arte da conquista

Adja Silva.....

Textos do III Concurso Literário da AELE 2016 - ESCADA: HISTÓRIA, CULTURA E MEIO AMBIENTE

Demolição? Oxente, não!

Paolla Giovanna Santos Claudiano.....

Minha Escada em detalhes

Fábio De Santana Bandeira Júnior.....

Escada, cidade maravilhosa!

Adylla Maria Bezerra de Lima.....

Escada, cidade maravilhosa!

Daphiny Veronica Monteiro da Silva.....

Escada, minha terra natal

Fernando Luis Lima de Albuquerque Júnior.....

Textos do IV Concurso Literário da AELE 2017- VIDA E OBRA DE TOBIAS BARRETO

Os tons pastéis de um entardecer filosófico

Paolla Giovanna Santos Claudiano.....

Puerícia de Barreto

Keylla Kethillyn Barbosa de Araújo.....

Seu Tobias

Lavinia Camyle de Melo Santos.....

Tobias Barreto

Caio Renan Silva Dos Santos.....

Legados Tobienses

Emmilly Gabrielle Lira de Santana.....

Sócios beneméritos da AELE

Brasão da AELE

Hino da AELE

Inventário de Atividades da Academia Escadense de Letras - 2016 – 2017

POEMAS

ADILSON GOMES DA SILVA²

ESCADA UMA CIDADE PLURICULTURAL

Escada de todos nós, sua cultura nos encanta, porque nasceste dos nativos.

Escada dos Mariquitos e dos Tabujarés...

Do alto de um terreno, uma Escada surgiu, para acesso a um “nicho” que se erigiu, para louvar A Senhora d’Apresentação. Nossa Senhora da Escada para nossa devoção.

Escada do Rio Ipojuca, que do Cabo de Santo Agostinho foi emancipada.

Escada da riqueza dos seus Engenhos: Jundiá, Matapiruna, Campestre, Canto Escuro, Sapucagi e Barra, vieram seu apogeu até a decadência chegar.

Escada de seus filhos ilustres, Fernando Campelo, Barão da Escada, Barão Suassuna, do Visconde de Utinga e de Cícero Dias, para alguns ilustrar.

Escada da Casa Tobias Barreto, Nossa AELE querida, do Antigo Cine Utinga, do Instituto Histórico, do Lions, do Chafariz da Família Siqueira, do Mercado Municipal, onde de tudo se encontra e onde a Música acontece. Escada do Coral Sebastião Araújo, que novo já canta e encanta.

Escada da Egrégia Câmara Municipal, José Sizenando, onde as decisões são tomadas.

Escada da ladeira do lava pés e de tantas outras escadas, que a cultura escadense se apresenta e ferve, se multiplica.

² Acadêmico correspondente da AELE, baiano da Cachoeira, cidade heroica e monumento nacional. Historiador pela UCSal – Universidade Católica do Salvador. Produtor de eventos culturais. Membro do Rotary Club Cachoeira – São Félix. Membro das Irmandades de N. Sra. da Conceição do Monte e Amparo. Membro da venerável Ordem Terceira do Carmo. Membro da Sociedade Monte Pio dos Artistas Cachoeiranos e da AAACC – Associação dos Artistas e Animadores Culturais da Cachoeira. Ocupante da cadeira 46 na AELE, tendo como patrono JORGE AMADO.

ADJA SILVA³

SAUDADES

Um carinho, um olhar, um abraço, um sorriso, um aconchego...
queria hoje um colo... um afago ou até mesmo uma canção de ninar...
um conselho de mãe, um cafuné... um refúgio,
um porto seguro que amenizasse essa angústia,
esse medo e me tirasse essa saudade dor;

Saudades... do abraço, do xero, do aconchego,
do entrelaço, do olhar matreiro, do andar faceiro, do sorriso a brilhar;
Da gargalhada alegre sem medo, sem preconceito, sem se importar...
do olhar atento, do desvelo lento, do cuidado de cuidar;
Do afago gostoso, do cafuné manhoso, do jeito manso de falar;

Quem dera de novo na vida, um momento, um instante,
teus braços pudesse encontrar e num abraço apertado,
diferente, bem demorado, eu te sentisse afagar...
meu cabelo cacheado, pretinho, bem enrolado, difícil de pentear;

Te juro que neste instante, de olho bem fechadinho,
com peito encostadinho pro coração não saltar,
pediria a papai do céu, com quem eu pudesse falar,
por tudo que é mais sagrado, deixe mamãe ficar?!..

Mas abrindo os olhos vejo...
que a criança tá só no peito onde bate o coração,
guardada teima em sair, na gargalhada gostosa ,
alta, esbravejante, sem medo, estonteante,
herdada, mãezinha, de ti;

“Adulta” que agora sou...
quem disse que a saudade passa?!...
ela,... saudade, por vezes,
explode dentro do peito, em lágrimas saindo de mim...
Estrela que hoje és,
iluminando, brilhando enfim,
mesmo com essa saudade, danada doendo dentro de mim,
não só eu, vejo teu brilho e ouço Deus me dizer assim:

Acalma esse coração, sente o afago bem do teu lado,
o abraço carinhoso, bem justinho, bem saudoso;
divide esse anjo comigo, pois dele Eu aqui preciso iluminando outros rostos;
E Posso te garantir ela sempre estará aqui...
Do teu ladinho de novo.

³ Técnica em Logística - ETE LDL, graduada em Pedagogia – FAESC – Faculdades da Escada, Pós Graduanda em Psicopedagogia- FAESC.

ADRIANO DE SOUZA SALES⁴

PIEIDADE ATEMPORAL

Eu tenho piedade
do jardim de tulipas
onde a piedade é flor,
Tenho piedade dos perfumes
onde a piedade
tem o cheiro maior,
Tenho piedade
dos lindos ambientes
e da natureza,
onde a piedade
se envolve no ar
na densa floresta
ou os verdes piedosos
dos azuis insanos
que retratam o céu,
Tenho a sincera piedade
das mais belas paisagens
onde a piedade
é mais e mais bela
tão bela quanto
as belas paisagens,
Tenho piedade do tempo
onde a piedade é atemporal.

⁴ 40 anos, nascido em Palmares - PE e residente em Escada – PE, desde a infância. É membro da Academia Escadense de Letras-AELE – cadeira nº 06 onde, atualmente, é vice-presidente. Membro da Academia Palmarensense de Letras-APLE – cadeira nº 30 onde atualmente é secretário. Formado em logística, informática, gastronomia e psicanálise, atua como consultor de empresas e entidades.

AMANDA DANIELLE DA SILVA ROCHA⁵

DESAMORES

Quantas reticências de mágoas
hei de causar em tolos que
ousarão de amar?
E os que involuntariamente granjeei?
Foram mágoas indefiníveis e incontáveis
que neles gerei.
Enquanto os amantes se entregavam,
eu, exígua os amava,
de tal forma, que jamais os amei.
Nem mesmo nos momentos de entrega
me entreguei. Fui embusteira
nos momentos que jurei amar.
Fui verdadeira nas despedidas,
fui, sem ousar voltar.

Caititi, 15/04/2005

⁵ Natural de Vitória de Santo Antão, formada em Letras pela FAESC - Faculdade da Escada, especialista em Linguística pela FAINTVISA - Faculdades integradas da Vitória de Santo Antão, mãe, esposa, professora da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco e amante das letras.

CAMILA FERREIRA⁶

SER PROFESSOR.....

Ser professor é ser historiador, levar nossos alunos a conhecer lugares escondidos e esquecidos de nossa história.

É ser rei, rainha um super-herói.

É sair para trabalhar triste e voltar feliz.

E trazer o trabalho para casa e não se importar se é feriado, domingo ou se já são quatro horas da manhã.

É ter as energias renovadas por estar exercendo seu papel.

Muitos nos chamam de tio, mestre ou simplesmente professor. Tantos nomes, mas uma só definição "Educar com Amor!"

Ser professor não é só uma profissão

É uma vocação

Se é dom ou talento, não sei.

Mas, tenho certeza que é uma dádiva de Deus.

Ser professor, é ter a certeza de que podemos ajudar a construir um mundo melhor para alguém.

⁶ Graduada em pedagogia pela FAESC - Faculdade de Escada. Especialista Psicopedagogia na mesma faculdade.

QUANTO VALE UMA AMIZADE?

Quanto vale uma amizade?

Cada sorriso, cada olhar ou qualquer gesto de carinho poderá pagar uma amizade?

Nem todo ouro, toda prata, rubis ou esmeraldas!

Nem toda água do mar, as estrelas ou o infinito chegará ao valor de uma amizade.

Amizade com valor incalculável é ter aquela pessoas tão especial como amigo(a), é ser feliz quando estão juntos, vibrando com as vitórias e refletindo com as derrotas.

É surpreender o outro com um gesto de carinho, é ligar a qualquer hora para saber se está tudo bem.

É sonhar os mesmos sonhos, é brigar por opiniões diferentes, é se amar apesar de tudo.

Hoje, quanto vale uma amizade?

Uma amizade é moeda sem troca

É ajudar o outro à ser cada dia melhor e com esse aprendizado ser melhor também.

Nem toda hora que o relógio pode marcar dirá o valor de uma amizade.

Vou deixar uma dica. Não direi quanto vale, mas direi que não tem valor no mundo que possa pagar.

No país da Amizade não tem Real, Euro ou Dólar. A moeda é muito rara e cara.

A moeda fundamental para Amor.

E como sei disso?

Observe como os verdadeiros amigos se olham, trocam sorrisos, confiam um no outro.

Assim você também descobrirá o valor de uma linda amizade.

Então me diga:

Quanto vale uma amizade?

SER FELIZ, É PEDIR MUITO?

Ser feliz, um pouco mais de felicidade

Paz, harmonia e tranquilidade.

Será que é pedir muito?

O prazer de realizar seus sonhos

O desejo de novos planos

Viver feliz como uma criança

Será que é pedir muito?

Deitar e conseguir dormir

Sem se preocupar muito com o incerto amanhã

Tendo sempre o desejo de ser feliz

Será que é pedir muito?

Se é muito ou pouco não sei

Mas, sei que devemos prosseguir

Sem nos preocupar com o medo

Iremos conseguir.

FELICIDADE

Felicidade é ter quem Amar
É estar feliz consigo
É viver o hoje
É ter o prazer de deleitar um maravilhoso livro.

Felicidade é ter o amor dentro de nós
Não é ter tudo na mão
Mas, é ter força e coragem
Para conquistar o que quisermos.

Felicidade não é a conquista da formatura
Casamento ou aposentadoria
A felicidade é viver o agora
E muitos só a percebe depois que ela foi embora.

CARLOS CÉZAR FERREIRA DE QUEIROZ⁷

A DRUMMOND DE ANDRADE

Quem dera escrever a Drummond de Andrade
que descreve a saudade de maneira tão bela,
pois a espera abre no peito uma ferida
e aumenta a saudade da pessoa querida.
Pois a sua ausência nos traz muitas tristezas
e a incerteza da sua volta.
Pois não importa os motivos da sua partida
a dor nos obriga a repensar certos conceitos...
É que às vezes, sem jeito, a gente magoa a quem ama,
mas quem dera escrever a Drummond de Andrade.
Descreveria a saudade de forma pura e verdadeira,
não a saudade passageira de um dia ou de algumas horas
mas sim, aquela saudade, em que a gente chora a falta da pessoa querida
seja ela uma amiga, um amor ou um parente.
O que importa para a gente é a sua companhia
e a alegria dos momentos felizes que juntos tivemos,
pois quando nos conhecemos iniciou-se uma amizade verdadeira,
e hoje essa saudade traiçoeira nos separou na vida.
Mas quero que saiba, pessoa querida, seja nessa ou em outra vida,
onde quer que você esteja, tenha certeza que jamais serás esquecida.

Nasci no dia 07 de outubro de 1974, sou natural da cidade de Escada, casado. Sou membro efetivo da Academia Escadenses de Letras (AELE), ocupando a cadeira de número 33, tendo como patrono Carlos Drummond de Andrade. Moro atualmente em Escada, formado em Técnico contábil, pela Escola Municipal Ministro Eraldo Gueiros Leite, Formado em Eletrônica na Escola Técnica Federal de Pernambuco, e também Técnico em Segurança do Trabalho, pela Escola Técnica Agrícola Luiz Dias Lins. Atualmente estou cursando Sistemas da Informação pela Faculdade Escritor Osman Lins (FACOL) e Licenciatura em Matemática pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). Sou professor na rede pública e privada, e em meio as correrias do dia a dia, sempre que posso, gosto de escrever, adoro música, faço parte do site Recanto das Letras, e tenho a leitura como minha aliada.

HOUVE UM TEMPO

Houve um tempo que amei.

Sonhei,

Sorri

e fui feliz.

Hoje sinto a tua falta, a tua ausência.

Isso alimenta a minha dor e faz aumentar a saudade.

Houve um tempo que te amei loucamente.

Vorazmente,

Incansavelmente.

Hoje te amo muito mais e por ti sou capaz de tudo.

Pois tu és o meu mundo

E não sei viver sem ti.

ALDRAVIA

Gosto.

Amo.

Sinto.

Respiro.

Suspiro.

Por

Você.

25/10/2016.

QUEM SOU EU

Quem sou eu sem ti
Como viveria sem te ver
Nada adianta se não puder amar tu.

Quem sou eu sem o teu amor
Além de um pobre sofredor iludido,
Pois desse amor preciso para viver

Quem sou eu longe de ti
Se, às vezes, nem consigo dormir,
Pois o meu pensamento está em ti

Quem sou eu sem o teu amor
Além de um mero sonhador
Que por ti se apaixonou.

25/10/2016.

CÍCERA MARIA DE ARAÚJO IZÍDIO ⁸

INDEPENDÊNCIA OU MORTE!!

É de intensa riqueza,
A História do Brasil.
Mitos, contos e proezas,
Desse povo varonil!

Às margens de tua beleza,
Guerreiros lutaram num covil.
Canhões, espadas e destreza,
Marcaram como um buril.

Num apelo à natureza,
Gritos enforcam o anil.
A luta conta a pureza,
Unem-se à força juvenil!

Essa independência volátil,
Que no passado despreza.
Tanto sangue viril,
A favor da realeza.

Isto nos dá uma certeza,
nossa pátria não é vil!
Da luta faz a sua proeza
Esse é o nosso perfil.

⁸ Acadêmica efetiva da AELE, professora da educação básica, graduanda em Direito.

RELICÁRIO

Abra o baú dos antigos amores,
Procure lembranças que a vida deixou.
Amores, paixões, loucuras, rancores...
São marcas que o tempo ainda não apagou.
Procure amores de criança,
Paixões proibidas ou coisas assim.
Leia as cartas de sua infância,
Apenas palavras em tom de pasquim.
Consulte as folhas do velho diário,
Cartões que marcaram sua vida ou não.
Revistas no fundo de velho armário,
Retratos que trazem grande emoção.
Lembram-se do dia que foi esquecido,
Talvez lhe doa o coração.
Ou fique sombrio e amargurado,
Pra saber o motivo da rejeição.
Mas feche o baú dos amores passados,
Esqueça tudo que trouxe ferida.
Causadores de dor e indignação,
Pois as lembranças das coisas vividas,
Nos mostram o relicário da vida.

AMOR SAGRADO

Sim, eu poderia abrir o sol em duas partes,

E recolher estrelas,

Confundir os astros,

E destruir com a lua

Pra provar de teu pecado...

E liberar os rios,

E prender os mares,

Pelo oceano dos teus beijos...

E guerrear com anjos,

Pelo calor de tua boca.

E esse desejo por Deus abençoado,

Te amar de corpo e alma,

Com meu amor que é Sagrado.

DEA CIRSE GARCIA COIROLO ANTUNES⁹

ALCANTILADO

Parte de mim é aurora e parte, rocha escura
presa ao magma central de outra existência.
A aurora se assoma a um precipício
e desde ali emite uma pálida luz opalescente.
Temerosa esconde incandescências
que sem querer iluminando, deixariam entrever as rachaduras,
onde a pedra guarda delirantes desejos de presença.
Presença fantasmal, de tempestade de pó de terracota
que acariciara sua parede granítica e colocara com toques de ternura
na face enrugada do alcantilado, amorosa argila redentora
nos sulcos antigos que a cortam.
Tuas palavras são como a poeira que cabe com doçura entre as gretas
desta arcaica parede de magma frio
onde no habitat sem rastro, venho guardando histórias.
Que são tanto de amor, quanto de espanto.

⁹ Naturalizada brasileira, nasceu em Rio Branco Uruguai, em 1945. Estudou em Montevideú. Prof^a. de Biologia, no Uruguai e no Brasil, em RN. e Jornalista do Jornal “El Telegrafo” em Paysandú. Desde 1984 mora no Brasil como Correspondente Internacional do mesmo jornal. Faz parte da ALAOMPE, da AELE, da ALUBRA, da ALAG e da UBE, PE.

ANCORADOURO

Ancoradouro, onde flutuam meus gladiolos vermelhos
que detém entre as pétalas retalhos de trinos que lembram
antigos amores fluorescentes.

Mastigo luzes que ficam impressas sob os dentes
para calar as foices que abrem as portas
ao abismo insensato (semi-demente)
de água em quietude, que em um efêmero instante
me rodeia.

Retalhos,
madeira de ancoradouro para lembrar nós dois
amantes encaixados sob a água
de um belo rio de tremor turbulento,
que nina seus mistérios em um calhau liso e branco.
Incomovível.

BENZEDEIRA NORDESTINA

Quem sou eu?

Eu sou a que caminha
respirando neblina,
uma neblina seca
de grãos de pó vermelho
que levanta.

Pó fustigante
que voa em redemoinhos
ao passo do rebanho,
meu rebanho de cabras,
meu sustento.

Eu sou a que arrasta
uma corda tecida de sisal
que fere minha mão
com a que puxo o jegue
sobre o qual – aos pulos –
carrego meu rebento.

A minha cria faminta
que eu defendo da seca
com este longo andar
atrás de água bendita.

Eu sou ninguém,
sou uma folha murcha
sou flor de mulungu
sobre dois pés sangrentos.

Sou aquela esquecida
como besta de carga,
pelo “doutor”
que prometeu a água.

Eu sou a sertaneja
sem chão, sem céu,
sem esperança,
aquela sem tapera.

Sou uma flor
afogada na poeira,
insignificante.

De cabras, a pastora,
que leva o burro,
a panela, a cria,
com os pés descalços

enterrados nas pedras
do caminho.
Sou mãe, sou nordestina,
sou a que meu Cristo quer,
sou mulher.
Sou benzedeira,
a jovem milagreira
que cura o mal de olho,
e o cobreiro,
sou rezadeira.
Sou a que morre à mingua,
sem som de lágrimas,
sou esta aqui,
apenas uma fêmea,
humilde caminhante.
Sou a que Borges
imortalizou,
talhada na madeira dura,
e impressa no papel

da xilogravura.
Sou a que vivo
engolindo pó;
uma ignorante.
Sou mulher sertaneja,
retirante.

DENIS RICARDO CAVALCANTI¹⁰

A PEQUENA RUA

Em algum dia quente de novembro, lavei o rosto e saí
Fechei a porta.

Observei a pequena rua
As pessoas rodavam seus pneus rapidamente
Outras poucas iam mais devagar, vagarosamente conversando.

Não havia mais necessidade elétrica
E alguns pássaros se alimentavam do hálito dos carros.

Às vezes, é preciso acreditar.
Às vezes, é preciso abrir a porta e voltar pra cama
Numa espécie de conclusão silenciosa.

¹⁰ Poeta.

UM QUINTAL NO MÊS DE JANEIRO

Os frutos crescem e amadurecem
As folhas verdes é que os tecem
Ver-te florido no amanhecer
O dia já vai nascer.

O fruto doce
Amargo, sentido
Deixa os pássaros mais nutridos

A árvore grande desse quintal
Carrega força
E me afasta do mal.

AQUILO QUE VEM DE VOCÊ

Entre as portas e os sonhos
Nas ilhas, nos bosques do outono
Aquilo que vem de você.

Com sede de chuva
Nas curvas
Nas uvas da tua volúpia
Aquilo que vem de você.

Catedrais
Serestas de pedra
Imenso prazer é viver
É querer
Aquilo que vem de você.

A planta do teu ser
No barro germina pétalas
Vermelhas
Numa tarde vou colher
Aquilo que vem de você.

Com as luzes brancas
Nos buracos das paredes
Nas frestas das varandas
Observo
Aquilo que vem de você.

E por baixo, pelas tuas pisaduras
Encantadas
Nas escadas
Aquilo que vem de você.

Por cima dos teus cabelos
Alto, na imensidão dos teus fios
Faço ninho
Não sinto frio
Aquilo que vem de você.

Estou descendo, agitado
Nas águas caudalosas da tua pele
Mordo tua pele
Como tua pele
Libere, nunca cancele
Aquilo que vem de você.

E assim, nesse festim, no momento
mais natural
Eu entendo por completo tua
história
Serei o historiador da sua existência
Serei com louvor
Eu sou
Aquilo que vem de você.

GRITO

Estou caminhando rente à vida
Tropeçando conforme os cacos
A viagem, a corrida que é isso.

Os detalhes são estranhos
Eu vou redigir o futuro
A tinta e papel.

Vou gritar
Vou remover todos os blocos
Lançar impropérios no oceano.

A cada instante a faca aperta mais
Pouco suave
Um perfume barato a quem chamam de destino.

O que interessa num caminho no qual já sabe o final?
Vou colori-lo
Com riscos e segurança.

Vou atordoar a tranquilidade
Desclassificar a correção
Viverei no bar
Dentro do mar
Catando pequenos pedaços azuis.

É tudo tão barato
É quase gratuito
É tudo perfeito e imperfeito
É tudo uma festa.

SENTIREI TUA FALTA

A saudade é um buraco no tempo
que a vida levou.
A saudade é algo doce
que de repente amargou.

A saudade é quando te vi
e descobri que acabou.
A saudade é uma lágrima
que do meu rosto rolou.

A saudade não demorou em vir
logo para mim.
Se alguém perguntar se chorei
eu direi que sim.

Pois saudade é algo
que tu deixarás sempre em mim.
Pois o tempo passou e voou
e não tocou um clarim.

E assim eu te digo um adeus
de ti sempre lembrarei.
E assim eu termino estes versos
que a ti dediquei.

¹¹ 15 anos, natural da cidade de Escada – PE, estudante do oitavo ano do Ensino fundamental II, filha de Gonçalo Manoel de Santana e Edileusa Alves de Lira Santana, o que me motivou a escrever foi a paixão pela leitura, pois encontrei nela uma inspiração

SÓ UM RELANCE

Se eu parar pra pensar
no que perdi,
no que ganhei,
vou demorar.

Pois só quero lembrar
do que me faz sonhar,
do que me faz lembrar
de bons sentimentos,
de bons momentos.

Quero fechar os olhos e relembrar,
Quero parar e te encontrar
em algum lugar...

GETÚLIO T. CHAVES ANDRADE¹²

ALEGRIA, TRISTEZA

Hoje recebi notícias tuas
Fiquei alegre, fiquei triste
Fiquei contente. Fiquei constrangido

Fiquei alegre sim.
Pois a mil anos me parecia
Que nada me alegrava enfim
Que nada de te recebia.

Fiquei triste.
Por não ter-te ao meu lado,
Por não ter teus carinhos.
Por não ter teu beijo ardente
Por sentir meu peito cravado.

Fiquei contente.
Ah! Como fiquei.
Vi que tu ainda me amavas
Que não me esquecera.
E eu que todo tempo pensara
Que isso se passara.

Fiquei constrangido.
Pelo meu egoísmo
Que pensando só em mim,
Ti faço sofrer tanto.
Talvez até, menos que eu.
Que passo horas pensando
Com o coração em pranto.

¹² Membro correspondente da AELE.

REENCONTRO

Como fiquei feliz em te ver
Meus olhos brilhavam de vaidade
É que estavas tão linda,
E eu com tanta saudade.

Recordo-me com muita ternura
De teu rosto meigo e dócil
Até, de teu vestido vermelho
Plissado com muita bravura.

Ao nos abraçar, nos envolvíamos
Nossos corpos pareciam espumas
E ao dançar nossos pés
Eram leves como plumas.

Nossos lábios estavam úmidos
Como uma folha na madrugada
E ao se unirem parecia
Que só eles no mundo existia.

CONSELHO

Nunca queira sentir-se um inválido.

Pois é como esta doente sem cura,

É como esta de tédio, de amargura.

É como ficar prestes a loucura,

É como andar de atadura,

É como achar, o que não procura.

Nunca queira sentir-se um inútil.

Pois é como amar sem futuro,

É como fechar o portão, se não tem o muro.

É como sonhar em apuros,

É como morrer, para receber seguros.

É como abrir os olhos no escuro.

SINOPSIA

I

Vejo no escuro a luz do dia.
Vejo ao fumar um cigarro absorto
Vejo a ti, a minha sinopsia.

De ti nada espero
De ti não me alimento
Porém a ti, até hoje quero.

Teu coração não me pertence
Tua voz a outro aclama
Não é meu o teu presente
E o futuro a mim não chamas.

Lembro de ti adolescente
Lembro de ti ao olhar no espelho
Sonho em vivermos em um só lar.
Juntos, qual fios de cabelo.

II

Hoje um outro te faz feliz
Por ti, feliz também fico
Com ele te contentas
Comigo me tens amigo
Pelo menos me aparentas.

Por que te amo?
Por que te quero?
Por que me conformo?
Não sei. Só sei que te amo.
Só sei que por ti espero.

JOSÉ JEFFERSON DE OLIVEIRA SILVA

POEMA I

Velhas horas, minutos vivos.
Põe o café, es quente sua fé.
Passa o sol fugaz na janela
mais depressa, pé a pé.

Ó pura estrela de luz,
que pinga raios mansinhos,
transbordando o dia jovem
até a noite velha que dorme.

E o meu sonho, pela noite
celeste imperial, navega
sob o silêncio da imensidão.
Vou sepultá-lo aqui mesmo.

E viver só de momentos,
sem nenhuma lembrança.
Como os pingos da chuva,
num cair, se dissipar e recomeçar...

POEMA XI

É uma mancha verde onde galhos
cantam,
a espalhar trapos de
folhas pelo chão,
como se estivessem embaladas pela
sinfonia dos ventos
num balanço faceiro que a seus galhos
desatam.

Doce criatura, olhos fechados, a
alma nua,
transpirando solidão em meio
a ressaca das flores,
repousa seu pesado espírito, que
sobre as pétalas flutua
frágil no seio maternal do jardim
onde bebe luz.

Com os pés plantados na relva, sorri
com os pensamentos na copa
de palmeiras imperiais,
envolve-o o perfume das flores
e o seu riso revela traços
misteriosos como uma névoa
impenetrável.

E já não sente o murmúrio ao seu
redor,
dorme em um sono sombrio com
os pulsos em prantos
irrigando com líquido vermelho
rosas brancas do canteiro.

POEMA XXV

Um dia desses, levanto a âncora da saudade,
ajeito a vela e deixo as dúvidas emergirem.
Mudo o discurso velho para a minha idade,
troco de música favorita, busco novo sentido.

Aprendo a não colocar freio, a atracar
em portos repletos de defeitos,
sem me importar com o que os outros
vão achar, aliás, ninguém se importa.

Um dia eu junto os meus cacos
quebrados em dias de revolta,
Mudo meu estilo e levo minhas
angústias para ver o mar.

Talvez amanhã eu me ajeite
como quem não quer nada.
Mude os ventos de minha mente
e passe a viver de cara lavada.

A PROMESSA

Quando nasci, eu era muito magrinha
E todos que me viam, diziam:
- Como é xoxa a bichinha!
E havia até cochichado:
- Será que vai vingar esse cangaço?

E assim fui crescendo
Com todo amor e carinho
Com a dedicação da minha mãe
Todo mês ganhando um corinho

Aos dois anos de idade
A calamidade se instalou
Me deu uma falta de ar
E minha avó logo falou:
- Isso é puxado Leu
Fulana já se curou

E o tempo foi passando
E o puxado sempre a voltar
Lambedor, garrafada, pomada a massagear
Cuspida no uruá e nada de eu melhorar

Levando a mão na cabeça
Minha mãe logo exclamou:
- Minha sogra o que é que eu faço
Pra nos livrar dessa dor?

E minha avó com grande emoção
E com toda sua devoção assim falou:
- Rogue a Deus pai todo poderoso
E a Jesus, Nosso Senhor,
mas também peça a Padim Ciço
Que é grande intercessor!

E assim foi feito
Minha mãe com grande respeito
Clamou com devoção
Também a Senhora da Conceição

¹³ É natural de Escada e estudante de fisioterapia pela Faculdades da Escada – FAESC.

Deste dia em diante
Não cortarei uma só ponta de seu cabelo
E ao completar sete anos de idade
Irei cortar lá na matriz do Juazeiro!

Entre um puxado e outro fui sobrevivendo
A minha grande sorte é que eu tava sempre comendo
Devido às gemadas de biotônico e ovo de pata
Que eu comia me aborrecendo.

Completado o tempo determinado
Minha mãe assim falou:
- Vamos para o Juazeiro do Norte
Pois o tempo se esgotou!

Pela primeira vez soube o que é viajar
E no ônibus os romeiros começaram a cantar
E desfiando o terço
Durante toda a viagem sem parar

Chegando lá nos hospedamos
Em um rancho estrelar
Pois pelos buracos das telhas
As estrelas davam para admirar

Me encantei com aquela linda cidade
Pra mim tudo era novidade
Monumentos, praças e igrejas
Para mim tudo era uma beleza.

No último dia naquele lugar
Minha mãe me fez cedo levantar
E os meus cabelos a pentear
Passou logo a trançar
Amarrando duas fitas azuis
Tendo certeza que neste momento
Nossa Senhora nos conduz.

Chegando a um lugar muito esquisito
Pois lá tinha de tudo
Em um número bem infinito
Perna, pescoço, cabeça, casas, fotos,
Velas de todas as formas e tamanhos
Era a casa das promessas
Onde todos depositavam com pressa
Todos os seus ganhos

Eu ali a admirar
Não poderia imaginar
O que ia começar

Só ouvi o barulho da tesoura afiada
Cortando a linda trança
Logo cedo bem trançada
Não deu tempo nem de falar
Só vi minha trança a voar
Para onde agora seria o seu lugar

Ao cortar o meu cabelo preso
Minha mãe se equivocou
Grande em cima, suru embaixo
Ela não cortou, ela picotou
Porque não me levaram
Logo lá, no barbeiro
Por Jesus Cristo, nosso Senhor?

Passei o resto da viagem
Tentando domar a fera
Vieram com um diadema fininho
Coitado, não sabe o que o espera
Gel era de tonelada
Para baixar a fera indomada
Veio então uma ideia inesperada
Para aliviar minha vergonha escancarada

Meu pai chegou com um chapéu de palha
Daquele que todo romeiro quer comprar
- É por causa do sol, ele disse
E eu: - não precisa me enganar!
Sei em que situação o meu cabelo está.

E assim voltei pra casa
Só queria descansar
Com meu grande objetivo
Do meu cabelo cortar
Para que ninguém mais o visse
E poder recomeçar.

Ainda no meio da rua
Meu irmão Dadá foi me encontrar
E ele disse: - deixa eu ver?
E antes mesmo de responder
Pôs-se o meu chapéu a tirar
Dando gritos e muitas vaias
Botei logo pra chorar
Sem que nada nesse mundo
Pudesse me consolar

Chegou o grande dia
De a madame visitar
E minha mãe perguntou:

- Como é que dá pra cortar?
E ela disse: - só à la homem
Coitada, sem poder nem vacilar.

Estou com trinta e poucos anos
E sei que estou no lucro
Ainda com um puxado da peste
Sei que ninguém merece
Mas também sei que na minha vida
Tem sempre uma mão divina
De Deus, nosso Senhor
Jesus Cristo, meu Salvador
Da Senhora da Conceição
E do padim Ciço Romão!

Escada, 30/12/2015

O PÉ DE CASTANHOLA

Da minha infância querida
Muitas histórias tenho para contar
Uma delas se passa
Quando eu estava a caminhar
Voltando do Engenho Barra
Onde meus avós foram morar!

Férias, fim de semana e feriados
Não tinha jeito não
Meu coração só queria estar
Naquele pedaço de chão
Que eu ia com muita alegria
E grande satisfação

Mas no meio do caminho
Tinha uma árvore frondosa
Muito linda por sinal
Porém muito misteriosa
Era o pé de castanhola
Famoso nas redondezas
Falavam que era mal assombrado
Diziam com toda certeza

ET, mula sem cabeça, lobisomem
Cumadre fulosinha
Tudo isso você poderia encontrar
Se a sorte não lhe acompanhar
Tendo até quem jurasse juradinho
Jurando de pé juntinho
Que viu essas coisas de pertinho

Passava sempre com medo
Com os olhos para o chão
Meu coração me dizia
Não assanhe a assombração
Passe sempre com respeito
E eles não te tocarão

Certo dia, voltando pra casa
Eu, meu primo Janda
E um outro camarada
Falávamos dessa história
De árvore mal assombrada
E eu querendo ser grande
Fingindo ser confiante
Caminhava e sorria
Fingindo ter alegria

E o tempo foi passando
E a árvore se aproximando
O meu coração palpitava
Os olhos se arregalavam
A cada passo que eu dava.

E eu comecei a me assombrar
Os cabelos dos braços a se arrepiar
Pois ele me dizia
Que em plena luz do dia
A mula sem cabeça estava a rondar
Procurando uma alma
Que ela pudesse levar

Não sei como lhe dizer
Como fez meu primo virado
Pois pegou uma pedra
Sem eu ver
Aquele menino danado
Arremessou entre as folhas
Fazendo um barulho arretado
Olhou pra mim e disse: - corre!
E eu obedeci
Minhas pernas bem fininhas
Provei que não eram ruins
Pareciam que iam quebrar
Quando sentia na bunda tocar

Estava bem à frente
Comecei logo a gritar:
- Não me deixa atrás não!
Pois eu sou uma doente
Tenham compaixão!
Já chegando lá na curva
Resolvi olhar pra trás
Esperando ver a derrota feita
E já imaginando
Ser a testemunha perfeita
Dessa estória tão voraz!

Só vi um deitado no chão
E outro todo curvado
Um deles todo babado
De tanto sorrir, aqueles safados
Mas eu não me arrependo não
Pois se tudo fosse verdade
Não seria eu a primeira refeição.

MARIA JOSÉ OLIVEIRA GUIMARÃES¹⁴

ÁGUAS DA VIDA

Águas onde nos formamos
Onde matamos a sede
Sede de quê?
De necessidade de vida
De prazer carnal
De encontro de êxtases
De revelação de vida
Onde brotam o alimento
Que será nosso fomento
Onde banhamos nossos corpos
Onde amamos a liberdade
Onde se dá vazão
Para mais vida formar
Água que incita e excita
Nos beijos ardentes
De bocas tão quentes
Nas intimidades molhadas
Prontas para serem encontradas
Para enfim, na hora do clímax
Mais águas de vida se encontrarem
Daí as águas serão a via
Pela qual vidas serão formadas
E novamente todo ciclo
Nas águas será iniciado
Oh! Águas deliciosas
Que nos dão vida, prazer ...
Onde se tremula em êxtase
Os corpos e as intimidades
Brotando por todos os poros
A água que é o início
E o fim da ventura humana.

¹⁴ Escadense, poetisa, graduada em Licenciatura em Língua Portuguesa pela UFPE e Bacharelado em Direito pela Faculdade de Direito. Especialista em Educação de Jovens e Adultos.

SÓ TE VEJO NA ALEGRIA

A ti encontro nos sonhos
E cintilas no espelho
Com se dentro de min
Deveras habites
Estás no raio de sol
Que me acaricia como um beijo
No sorriso de uma criança
Que do mundo
Ainda não conheceu a maldade
Encontro-te toda vez
Que de verdade me vejo feliz
Por ter visto um pouco
De troca de afeto entre as pessoas
Quando me apaixono
E perco bem a noção
E a medida do quanto me entregar
Bem que estás lá
E ris de mim
Porque de fato penso
Que consigo controlar sempre
E ir só até onde quero
Estás em cada ...
Doce sabor de felicidade
Que sinto ao despertar
E ver que ganhei mais um dia
Tudo de belo que de mim se aproxima
Estás também lá
Só não consigo te ver
É na dor e na miséria
Que o mundo tanto ostenta
Isso mesmo te afugenta
Oh, meu brilho no olhar!

HÁ QUE SEMPRE SE OLHAR DENTRO DE SI

Hoje aspirei meu coração
Ele é uma caixinha
Que guarda tantas coisas importantes
Momentos inesquecíveis
Afetos imprescindíveis
Amores que o tempo não apagou
Mas nos doem devagar
Às vezes nos lembram quem somos
Entretanto por sermos sensíveis
Às vezes guardamos entulhos
Como numa casa
Onde sempre que a limpamos
Há muito do que se livrar
Objetos que até a outros servirão
No meu coração ...
Encontrei ressentimentos
Por na vivência dos momentos
Realmente não ter chegado a um fim
Fica-se assim em aberto
Como se esperando uma condução
Que nos leve para o ponto exato
E nos ofereça a redenção
Não há como retroceder
Então, paciência!
Que se vá em boa hora
Dores que nem se sabe por que
Guarda-se para ficar se machucando
Como uma unha encravada
Ou mesmo uma urticária
Que ao mesmo tempo
Que incomodam, dão prazer
Para quê?
Não vão servir mais ...
Deixa o coração livre
Para lutar a boa luta
Amar quem nos ama
Oferecer afeto a quem precisa
Às vezes meio ranzinza
Pela vida tão ávida e empedernida
Enfim, senti-me leve
Que até descobri um novo amor!

A VIDA EM MIM

Sou por ti apaixonada
E cada dia até o último
Mesmo dos segundos
Contigo estarei feliz
Quando despertamos
Mesmo antes se sonhamos
Estás ali a me deixar segura
Quando vemos o belo
Tocamo-nos sobremaneira
A ti devo o aprendizado
Os amores tão especiais
Que me fizeram descobrir
Como é bom me entregar
E sorver de ti o doce sabor
Das sensações que me ofertas
Olho o céu azul e penso
Se tu de mim te afastas
Ou mesmo me abandonas
Como terei a beleza
Se tudo está mesmo acoplado a ti
O mar me toca com mais fervor ainda
Algo que me lembra minha jornada
Assim nas idas e vindas como as ondas
Mas quando lembro que num momento da jornada ...
De mim brotou uma flor
Que é em mim eu mesma
Ou um pedaço de mim
Talvez o melhor
A ti, minha vida, só mesmo amor!
Pois por conta da incógnita
Acho mesmo que seremos eternas
E amaremos tudo
Tudo mesmo, até os maus momentos
Pois eles em mim me fazem
Ainda mais te valorizar
Enquanto durar ...
Seremos eternas!

SAMUEL MELO¹⁵

TOBIAS BARRETO

O convite a mim foi dado,
Sem êxito não rejeitei.
Um desejo ardia no peito,
Uma viagem a cidade de Tobias farei.

Um dia cansado de longa viagem,
Uma noite bem ventilada e sonora,
Um encontro Escada-tobiense,
Ao som da orquestra que nos contagiava.

Ao romper da aurora uma manhã morena,
Passeio tão vago, logo a multidão encontrar...
Em passos lentos uma paisagem encantar.

Já visando um retorno a se distanciar,
Da manhã morena que distante está
Para minha cidade amada, já vou retornar.

Tobias Barreto (SE), 29/10/201

¹⁵ Professor de Língua Portuguesa, serigrafista e artista plástico.

AS CAATINGAS DE TOBIAS

Na chegada da cidade uma contagiante harmonia,
Dos cantadores repentistas que enaltecem Tobias.
A noite veio cheia de estrelas que na praça resplandecia,
Com o frevo contagiante do Recife, pulavam em alegria.

Na manhã ensolarada, um belo café ali se servia,
E pelas ruas da pacata cidade, o povo já transcorria.
Uns procurando banco, outros entravam na galeria
Uma tal feirinha livre, procuravam por lembrancinhas.

Logo foram convidados a ir para casa do Tobias,
Para ouvir as suas obras e a história que ali fazia,
Tantas artes, tantos artefatos, até folhetos se lia,
Muita gargalhada houve no banheiro do Tobias.

Depois de toda atracação, um novo convite surgia
Para uma pequena excursão, nas caatingas nos envolvia
Todos já bem curiosos, para o ônibus seguiam
Na ansiedade de conhecer, as caatingas de Tobias.

Lugar deserto e rochoso, flores por lá não se via,
Apenas poeiras e pedras, e a história que sobrevivia
Um cantinho aconchegante, cheio de poesias
Que relatava a vida histórica do mestre Tobias.

Um sol escaldante na serra, de longe seguia,
Iluminando a caatinga, que bela e harmoniosa alegria.
As palmas na terra rachada, motivo de nostalgia,
As câmeras focadas, guardavam recordações do velho Tobias.

Diversidade e Espiritualidade

A Espiritualidade deveria também ser o respeito à Diversidade.
Compreender o outro humaniza a relação com o transcendente e
elimina a não elevação espiritual;
um estado de graça diante do Divino.

Precisamos compreender que as religiões são organizações que buscam
fundamentos em um **SER** Supremo;
relatos em livros de inspiração Divina,
que estabelecem regras e dogmas
que regem a espiritualidade do **SER**.

Desconhecer tais estruturas espirituais,
impossibilita a relação espiritual com o Divino;
construindo assim,
uma espiritualidade de exclusão,
de *apartheid*,
de ódio
e de desamor.

O amor é um sentimento espiritualizado.
De uma ação que acolhe,
que agrega,
que perdoa.

No amor se constitui o centro da espiritualidade,
e em sua acolhida, se convive com a Diversidade;
e do encontro com o outro,
nasce o perdão e a tolerância.

Espiritualizados somos quando o amor é a essência
de SER,
de fazer,
para assim irmanados,
afirmar nossa crença no Ser Supremo.

Toda relação é estabelecida por duas vias
que coloca o Sujeito em constante busca pelo que lhe falta.

O Outro busca em mim
o que falta nele;
EU, busco nele, aquilo que me falta.

¹⁶ Acadêmico efetivo da AELE, Psicopedagogo, professor da Faculdade da Escada.

É no Divino que o humano busca o que lhe falta.
No entanto,
o Divino não se faz presente do nada;
habita no outro,
que é do Divino.

As manifestações religiosas são manifestações de fé e crenças;
são constituídas dos sentimentos
singulares do humano.

A crença plural do humano é estabelecida com o transcendente;
é precedida de sentimentos
e experiências.

A plenitude é um estado espiritual
que buscamos no Divino.
E precisamos compreender
a diversidade singular do outro,
que busca sua completude para **SER** Divino.

CRÔNICA

A MORTE DA ESPERANÇA

Esses dias, ao varrer debaixo do armário da minha cozinha, encontrei uma esperança morta. Eu sei que isso soa como figura de linguagem, talvez sim. Mas isso me fez lembrar de pessoas que levam a superstição a ferro e o fogo.

Uma pessoa supersticiosa, quem sabe, pensasse que algo de ruim aconteceria e num futuro próximo algo desestimulante ou arbitrário me ocorreria. Simplesmente por encontrar uma “esperança morta”. Um inseto que mal não faz, apenas contribui para o equilíbrio ecológico. Outras, até me diriam que algo bom iria acontecer. Afinal era uma esperança.

Há pessoas, entretanto, que gritariam e fariam um escândalo por encontrar tal animal peçonhento, asqueroso e altamente perigoso a sua condição humana. É exagero, eu sei, mas quem sou eu para questionar fobias alheias?

O fato é que realmente me admirei porque não tive certeza se ela já estava morta ou eu a assassinei friamente com a minha arma destruidora gigantesca e de última geração. Deve ser assim que os Tettigoniidae se sentem quando veem uma vassoura. E eu sendo seu algoz fui vista como uma cruel assassina?!

Todavia, metaforicamente falando, o verdinho do inseto que muito se assemelha ao “não maduro”, ao “não preparado” lembra muito o nosso país. Seja por sua idade de “descobrimento”, pela cor de sua flora ou pelo engatinhar das políticas públicas do atual governo, visto que a mobilização dos interesses particulares prevalece e ludibria a fé e a esperança do povo de enfim encontrar dias melhores.

A esperança, aqui, representada pelo Tettigoniidae é morta pelos desmandos e descasos de um governante, indiretamente, posto à frente de um Brasil caduco, não por ser; como já sabemos, um país de idosos, mas pela memória fraca e efêmera que infelizmente não dura até 2018.

¹⁷ Professora de Língua Portuguesa.

E o pobre inseto está igual a muitos brasileiros “aniquilados” seja pelo “não existir” debaixo dos móveis ou feridos pela arma de fazer governo.

E como diria os cétricos, não será preciso estar no futuro para saber que algo arbitrário e desestimulante acontecerá. Apenas olhe para o presente, pois a vassoura muitas vezes é representada pelas canetas e reuniões parlamentares.

CORDEL

VALDECI LEOCÁDIO DE SIQUEIRA FILHO¹⁸

MANIA DE SE ENCONTRAR – 2013

Eu vou contar uma história
Que sempre ouvi falar
Agora compreendo
Com força para relatar
O que é uma família
Como é bom compartilhar

Aldemir é um irmão
Podemos assim dizer
Tendo Ana como esposa
Foi quem nos deu prazer
Grande aproximação
De um irmão como você

Cândida foi mais fácil
Tendo esta interação
Por ser ela de Escada
Eu já era seu irmão
Mas hoje é diferente
Lhe tenho no coração

Waldyr não é tão fácil
A forma de me expressar
Existe algo mais forte
Que não se pode negar
DNA ninguém foge
A ciência faz provar

Não apenas como primo
Deixando isto de lado
Vem a força da razão
Waldyr hoje compartilha
Como verdadeiro irmão
Em segundo grau ou não

Regi e Teresinha
Eu também quero falar
Irmãos de toda hora
Seja em qualquer lugar
Nesta imensa família
Nos honra em registrar

¹⁸ Acadêmico efetivo da Academia Escadense de Letras. Cordelista.

Aguiar e Patrícia
Eita povinho contente
Mexe comigo e Beth
Levanta o ego da gente
Só não venha espancar
O pobre gato inocente

O Paulo e a Anair
Hoje iremos conhecer
Irmãos dos nossos irmãos
Como haveria de ser
Aumentando a família
Que não para de crescer

Com Lourdinha e Gilson
Agora o bicho pegou
Irmãozinhos de infância
Que o tempo não separou
Lá na Vila Operária
Onde tudo começou

Nesta comemoração
Vamos parabenizar
Aniversariantes
Festa boa de lascar
Não esquecendo a data
Somente pra variar

E no Guaiamum Gigante
Nós viemos almoçar
Grande foi a surpresa
Vendo o peixe chegar
De peixe só veio o molho
Serviu para beritar

Teresinha não calou
O metre mandou chamar
E que muito gentilmente
Tentando se retratar
Serviu camarão com peixe
Pra todo mundo agradar

Para pagar a conta
Todo mundo se dispôs
Foram duas contadoras
Na verba que ali se pôs
Contaram e recontaram
Veja bem como é que foi

Aldemir com a lanterna
Clareando sem parar
Teresinha junto a Ana
Não paravam de contar
Somavam e dividiam
Nada da conta fechar

Foi aí que a Martinha
Logo começou a falar
Dizendo: o meu dinheiro,
Nesta conta não está,
Já paguei com o cartão,
Chamem o garçom pra cá

O garçom todo esquecido
O comprovante pegou
Tão inocente o bichinho
Depois é que se lembrou
Aguiar filmando tudo
Todo o fato registrou

Ficou tudo resolvido
E bem contabilizado
Teresinha junto a Ana
Corações aliviados
Lá fora a despedida
Cada um para o seu lado.

CONTOS

O DIA DO TERROR I

Sempre questioneei o fato das peraltices de meninos receberem mais atenção e comentários, para mim prova apenas que eles não são capazes de realizar feitos sem que os adultos percebam. Eu mesma aprontei tantas coisinhas desonrosas para uma pequena e ingênua menina, nestes momentos, os irmãos possuem uma utilidade perfeita: receberem a bronca em nosso lugar. Costumava ser assim, mas que culpa tenho de Luiz ser menino medonho, como já dizia minha avó, vivia aprontando e sendo descoberto, logo, se não viram quem fora o responsável por tamanho feito, era ele o culpado. Foi assim uma vez quando voltávamos da padaria, pressionei a campainha da casa de Dona Jaci, velha ranzinza do nosso bairro e saí correndo, a velha saiu à porta e gritou: "Luiiiiiiiizzzzz" e assim se foi o sábado do meu irmão, longe do super Nintendo e do futebol. Outra vez substituí, no pote, a farinha de mandioca pela farinha Láctea: "Luiiiiiiiizzzzz" gritou desta vez o meu pai. Mas, com o tempo, Luiz começou a se defender, pouco lhe servia, pois a fama que galgara era maior que todos os seus argumentos. Certa vez, decidi pregar-lhe uma peça, estávamos sós e a luz do sol que penetrava à casa através das fendas das telhas formava nas paredes desenhos cuja imaginação forjei para que fossem horrendos, e assim iniciou-se a nossa história de terror. "Luiz, você está vendo aquilo ali? Ah! O que é isso? Olhe Luiz, um fantasma, veja, ele está vindo em nossa direção ahhhhhh" os meus gritos e espantos foram tão convincentes e capazes de produzir uma cena inédita, aquele pestinha que sempre me aborrecia, detentor de um discurso influenciado pelos filmes de super heróis estava ali na minha frente apavorado, trêmulo, chorava, urrava, clamava por socorro. Eu era sua única ajuda, a única capaz de lhe socorrer, naquele momento eu era sua super heroína; então o peso da responsabilidade caiu sobre minha consciência. Tremi e passei a ver todos aqueles fantasmas vindo em nossa direção, gritamos juntos, sentamos no sofá, nos abraçamos, juramos que se sobrevivêssemos nunca mais aprontaríamos um com o outro, jurei nunca mais deixá-lo pagar por erros meus, ele jurou não quebrar meus brinquedos, nem jogar meus sapatos para o outro lado da rua. Naquele instante, uma nuvem cobriu o sol e ouvimos um barulho na porta, nossos olhos encheram-se de lágrimas, fizemos declarações de amor que só os irmãos são capazes de fazer, beijamo-nos e declaramos um ao outro que possuíamos o melhor irmão e irmã do mundo, abraçamo-nos ainda mais fortes e fechamos os olhos. O barulho na porta aumentou, apenas ouvimos que alguém abria a porta e caminhava em nossa direção, quando uma mão nos tocou gritamos apavorados "que houve crianças, vocês estão bem?" Era a mamãe, neste instante empurramo-nos um ao outro, apontamos o indicador um para o outro e como numa sinfonia dissemos simultaneamente "a culpa é dele(a)".

¹⁹ Natural de Vitória de Santo Antão, formada em Letras pela FAESC - Faculdade da Escada, especialista em Linguística pela FAINTVISA - Faculdades integradas da Vitória de Santo Antão, mãe, esposa, professora da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco e amante das letras.

MELANCOLIA

Ela andava cansada e solitária, tanto quanto aquele violão surrado encostado na parede que mal conseguia fazer um acorde melancólico como o ré menor, enquanto suas memórias teimavam em lembrar.

Aquela brisa de inverno batia em seu rosto, como as batidas de seu violão, lentas, suaves e cortantes, ela tem o mundo em suas mãos, só não sabe pra onde ir, para onde fugir.

Maldita brisa! Levou todo o amor guardado em seu coração e deixou apenas o cansaço. Mal sabia ela que quem sente, transcende. Um dia ela foi verão, hoje ela é o inverno, mas ela sabe que tudo tem seu tempo e logo mais, vai chegar sua primavera, tudo um dia passa.

18 anos. Estudante. Aprendiz da música e das letras. Apaixonada pela leitura.

LUIZ HENRIQUE DE ALBUQUERQUE BASTOS²¹

UM MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO AVANÇADO

- Por que ela era infeliz?, alguém questiona.

Dona Matilde retornou do mundo de suas leituras vespertinas, pousou o livro na mesa de apoio e olhou espantada para o projeto de homem que estava a sua frente.

Era seu filho Juninho, de apenas três anos, que insistia na pergunta:

- Por que ela era infeliz?

- De onde você tirou isso meu filho? – perguntou-lhe ela.

- Do livro – apontando para a mesa e completando – Maria Antonieta, a rainha infeliz.

- Quem te disse isto?

- Ninguém – respondeu Juninho – eu que li.

Incrédula com o que estava se passando, pegou o livro e fez com o seu filho outros testes de leitura. Como ele tinha lido tudo, gritou para sua mãe (dona Escolástica):

- Mamãe corra aqui! (Maneira de falar, pois a pobre da velha mal podia andar).

- Juninho está lendo.

- Deixe de brincadeira – respondeu a velha senhora – ele só tem três anos e nunca foi à escola.

- Deve ser um caso raro, um gênio, um autodidata – disse a filha.

- Com certeza puxou a nossa genética, esteve neste mundo a Tia Loló: pintora, escultora, musicista e professora formada!

Não tardou e a casa estava repleta com todos os vizinhos admirados com aquele arauto mirim a anunciar as informações contidas em toda sorte de páginas que lhe davam para ler.

Já estava cansado quando o Sr. Olibório, o pai, chegou e soube da novidade. Todo pavão comentou que tudo isto não lhe causava surpresa, pois havia começado a ler muito cedo com a ajuda de sua mãe e orgulhava-se de nunca ter sido castigado com a palmatória.

A ancestralidade familiar era muito inteligente. Só não entendia como Juninho aprendera a ler sozinho. Devia ser mesmo um prodígio. Demonstrando conhecimento, ele disse já ter lido sobre as teorias revolucionárias de Dr. Carl Gustav Jung, psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica para quem o conhecimento e informações de vidas passadas são transmitidas pelos genes e seu filho comprovava o que até então era especulação.

Após deliberarem durante a noite, decidiram no outro dia ir ao Colégio das Neves, ideia de Dona Matilde, que venceu os argumentos do marido que era contrário. Primeiro porque achava um paradoxo em pleno sertão nordestino um Colégio chamado Nossa Senhora das Neves, e segundo porque era um colégio para meninas. Dona Matilde venceu dizendo que anjo não tem sexo, a

²¹ Titular da Cadeira nº 26 da Academia Escadense de Letras – AELE. Auditor Fiscal do Tesouro Estadual – SEFAZ - PE. Graduado em: Engenharia Civil e Bacharelato em Direito. Especialista em: Engenharia Econômica e Direito Administrativo.

criança só tem três anos, e este é sem questionamento o melhor colégio da cidade.

Conseguiram uma entrevista com madre Nevinha a diretora, em cuja ausência era tratada por Madre Nervinha por sua rispidez, tirania e impaciência. Explicaram que tinham um gênio em casa e não sabiam como lidar com a situação. Levaram o menino que leu parte da história de como surgiu a devoção a Nossa Senhora das Neves, deixando a madre e demais freiras perplexas. Irmã Credulina vislumbrou um caso inequívoco de milagre.

Apesar de tudo isto, a madre Nevinha lamentou, resistiu e decidiu que elas não estavam preparadas para receber um homem no colégio. Como todos sabiam era um colégio para donzelas. Apesar de ser uma criança, poderiam questionar a honra das religiosas e das meninas cujos pais depositaram a confiança, matriculando em seu educandário. Não bastando estas questões morais, ainda, tinham as questões físicas, não dispunham de um banheiro masculino. O padre Eusébio quando ia celebrar as missas, se tivesse alguma necessidade fisiológica tinha que trancar-se no anexo à capela e usar o penico que lá ficava para uma emergência.

Não satisfeitos com a negativa, foram falar com o prefeito para intervir junto às religiosas. Levaram o pobre do Juninho que teve de ser sabatinado pela câmara, o qual passou no teste de proficiência quando leu alguns artigos da Constituição e deixou incomodada parte dos vereadores que era semianalfabeta. O prefeito, velha raposa política, capitalizou o potencial eleitoral daquela celebridade infantil e foi junto com o casal falar com padre Eusébio.

Padre Eusébio, cuja fé era criticada, ficou incrêu com a história. Só se convencendo quando Juninho desatou a ler a Bíblia. Pensou que investir naquela criança seria como preparar alguém desde cedo para o papado. Uma educação religiosa desde tão tenra idade garantiria mais um padre para a Igreja.

Neste dia, Juninho havia se tornado uma celebridade municipal, todos na cidade queriam ver e ouvir a criança lendo. O menino fatigado já ameaçava chorar quando lhe mostravam um livro.

A comitiva foi ao colégio e depois de muita negociação a madre aceitou Juninho, desde que ele assistisse as aulas de batina alegando que só adentrava no interior do colégio quem usasse saia.

A avó de Juninho preparou uma linda batina verde para combinar com a farda das meninas.

Foi um verdadeiro alvoroço a chegada de Juninho na sala de aula. As meninas todas mais velhas, entre seis e sete anos, ficaram encantadas com ele que já sabia mais do que elas. Encantadas, mesmo, elas ficaram nas horas de recreio quando Juninho, que só brincava de esconde-esconde, fazia-lhe carinhos nunca antes experimentados.

As inocentes irmãs, não entendiam porque depois que Juninho chegara havia briga entre as garotas para esconderem-se com ele. Chegando a rasgarem as fardas três delas: Glória, Flávia e Simone.

Naquele ano, no auge de sua fama, Juninho participou do desfile de 7 de setembro junto com o prefeito em carro aberto, vestindo o padrão da seleção e a camisa número 10.

Longe de tudo isto, sem poder se manifestar estava Jacyara, vizinha de Juninho. Jacyara contava na época dez anos de idade e era filha de Sr. Cariri. Morava duas casas após a de Juninho no único lado construído da rua.

Jacyara fora a responsável pela alfabetização de Juninho. Tinha uma vocação inata para o magistério. Sem perceber aplicava as técnicas e preceitos filosóficos das escolas clássicas da educação: tradicional, nova e tecnicista. Transmitia o conteúdo, preocupando-se que o aluno o memorizasse através da repetição, ao mesmo tempo o deixava livre para o aprendizado, valorizava a relação professor-aluno, partindo do princípio de que o aluno é o centro da escola, o protagonista principal do processo de ensino aprendizagem, em torno do qual as interações com o meio social e a questão pedagógica é aprender a aprender, não esquecendo de aplicar a psicologia behaviorista, o aluno deveria receber e aceitar os conteúdos sem questionar, o que tornava o currículo uma estrutura fechada com receitas para cada objetivo.

Lamentava a situação, mas aquele era o mundo dos homens não poderia reclamar os créditos de seu trabalho. Venceu a criatura. Permaneceu nas sombras a criadora.

Tudo começou quando conhecera Juninho, sete meses atrás. Aproximou-se da criança e ganhou a confiança de dona Matilde e de sua mãe dona Escolástica. Todas diziam que ela levava jeito com criança e não estavam enganadas.

Dias depois de conhecer Juninho, passou a ir buscá-lo, na hora da sesta, em sua casa para brincar. Morava com seu pai em uma casa com terraço dos dois lados, num dos quais sempre tinha uma pilha de pneus, pois o pai de Jacyara, Sr. Cariri, era caminhoneiro. Ao chegar em casa, ela levava Juninho para o terraço, colocava o menino em cima dos pneus, depois escalava-os, pulava para dentro e descia o menino para aquele mundo encantado. Alertava Juninho para não contar nada a ninguém. Aquele era o segredo deles. O que se passava lá dentro? Só quem já fez essa imersão poderá entender. Ficavam lá de dez a vinte minutos, até quando Jacyara lhe dizia:

- Cansei! Agora vamos brincar de escola.

Pegava o seu material didático e desandava a dar aulas. O aluno era aplicado e deu no que deu.

O curso intensivo e revolucionário durou seis meses.

Juninho mudou-se. Aos quatro anos não, podia sair livremente de casa. Aquele foi um ano triste. Segundo lhe disseram e ele acompanhou as notícias no rádio, foram para o céu o Papa, um presidente de um país importante e sua avó. Disseram que o céu era um lugar muito bom, mas todos choravam quando alguém viajava para lá e Juninho chorou junto e chorou muito.

Todos o achavam muito sentimental; mas Juninho chorava mesmo porque estava com o coração partido. Dor de amor. Amor precoce. Sentia falta de Jacyara. Não tinha sofrido tanto quando foi desmamado aos seis meses, nem quando jogaram fora a chupeta ao completar um ano.

Baixou a guarda. Vivia escondido. Levantou suspeita de dona Matilde, que após investigação, lhe pegou em flagrante. Estava lendo um livro proibido para sua idade: Romeu e Julieta. Pegou a tabica e Juninho correu para a rua, passando o dia do lado de fora. Ao cair da noite, com sono e com fome entrou em casa e foi apanhado pela mãe que lhe deu uma surra.

A mãe atenta estava zelando pela sua educação.

QUEM ESTÁ COMENDO O QUEIJO?

Em uma rataria muito distante, havia um rato-chefe que liderava uma comunidade junto com um grupo que tinha como função melhorar as condições de vida daquele lugar, mas não era bem assim que acontecia. A prioridade era dele e de toda equipe que trabalhava pra ele e com ele. Nunca se preocupava com os outros que também precisavam de apoio, sem contar que eram contribuintes, pois realizavam ações cooperando para que aquele lugar se tornasse melhor de viver. O que mais chamava atenção de poucos roedores é que para atingir seus ideais, o principal mamífero trabalhava na surdina...comprava seus parceiros com favores e benefícios a fim de atingir seu objetivo: aumentar seu estoque de queijo.

A forma como agia era tão sutil que ainda conseguia a aprovação de outros ratos que não faziam parte de sua corporação. Ele conseguia tudo o que queria, planejava as coisas com tanta cautela que nem rastro deixava por onde passava. Os roedores que com ele trabalhavam, incumbiam-se de esconder seus erros de forma tão cuidadosa que ninguém conseguia encontrar falhas e quando percebia, nada fazia, porque havia troca de favores e, assim, conquistava proteção.

Transparentemente, ele tirava comida de quem quase nada tinha para comer, contudo ninguém reagia. Alguns reclamavam discretamente. Nada fazia. Só que alguns daquele lugar começaram a se incomodar com a passividade dos moradores daquela rataria diante da exploração em que viviam. Certo dia, um deles conversou com outros roedores sobre esta inquietação, o resultado? Foi a adesão de uma pequena equipe para mobilizar todo o lugar. O objetivo? Tirar o patrão e todo sua facção do poder por meio de um projeto estratégico, mas, por onde começar?

²² Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul (1994), Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa pela FAINTVISA (1998), Mestrado em Ciências da Linguagem pela UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco, 2010) e doutoranda em Linguística pela Universidade de Évora/Portugal. Atua nos temas: ensino, leitura, produção textual, gêneros textuais, letramentos, oralidade e metodologia de pesquisa.

A ideia era conscientizar toda pátria ratazanal de tudo que estava perdendo por causa da corrupção de seu representante e dos que trabalhavam com ele, por isso para começar, sugeriram o plano “formiguinha”, que era um trabalho individual, um por um, mas também contaram com as redes sociais ou acham que ratos não usam redes sociais? E assim, trabalharam para ampliar a visão da coletividade e a partir de então, começou o processo bem devagarinho...

Aos pouquinhos...bem devagar...os incomodados começaram a conversar com outros, de maneira presencial e virtual e denunciavam o que estavam deixando de ganhar. Todos os dias em lugares diversificados, o pessoal trabalhava por esta causa incansavelmente...mas como já era previsto, o superior tomou conhecimento do que estava acontecendo e aumentou o cuidado com suas ações, para tentar fracassar o plano “formiguinha”, derrubava um por um, todas as equipes que pudessem atrapalhar. Dessa maneira, sem acreditar que a população acordasse, pois tinha certeza que ela estava dormindo alheia a tudo que lhe rodeava, agia sorrateiramente contra todo o pessoal que estava causando problemas.

No entanto...a população ratoeira já não dormia, ACORDOU e decidiu mudar de vida, só que ninguém imaginava isso. Ao se aproximar o momento de eleger um novo líder para cuidar daquele espaço, o chefe mudou de postura. Aproximou-se muito mais daquela população, prometeu vida nova a todos e distribuiu muitos presentes para todo corpo social.

Era inacreditável ver aquela cena...os moradores vibravam com os presentes, aplaudiam cada palavra dita, gritava o nome dele vigorosamente, a vitória dele era certa! Mais uma vez eles haviam conseguido enganar a todos, tudo indicava que ele iria continuar sendo líder daquela comunidade, e os resultados das pesquisas já sinalizavam que a vitória era certa e sua equipe comemorava muito feliz.

Todavia, não foi isso que aconteceu, ao sair o resultado da votação, o maioral não havia sido reeleito! A sociedade deu o troco conscientemente. Ficou com os presentes, entrou no jogo e o imitou enganando-o, por isso não reelegeu nem ele, nem o grupo dele e assim, com um novo grupo na liderança, a vida da rataria mudou e nunca mais a coletividade foi enganada por ratos-chefes. Como todo conto, o final é feliz e o sonho permanece...

MINHA INFÂNCIA

Tive uma infância feliz, apesar de ser filha primogênita para quem sempre eram colocadas responsabilidades referentes aos cuidados com os irmãos, mas como havia uma diferença de três anos com eles, recebi muito cuidado e carinho dos meus pais.

Meu pai era feirante, e minha mãe, dona de casa, e como pobres casaram com casa própria e com todos os moveis. Morávamos no bairro do Coqueiro, e depois na rua João Manoel Pontual, onde hoje é a CLIMESC, no bairro Maracujá, na casa em que hoje mora o vereador Rogério.

Lembro-me que brincava com meu primo Pedro Henrique e que minha mãe gostava de arrumar como uma princesa para me mostrar a outras pessoas. No carnaval, ela me fantasiava, e me levava para as matinês no SESI, e eu brincava bastante com as outras crianças.

Meus pais tinham muito amor por mim, lembro-me que meu pai me comprou uma casinha de boneca, de madeira, que tinha todos os móveis dentro da casa, até fogão com botijão de gás e tudo. Sou a primeira filha de seis filhos, sendo três mulheres e três homens. Esses anos foram de muita fartura, porque meu pai passou a trabalhar na STAND BRANDS, como era conhecida a FLEISCHMAN ROYAL, e não nos faltava nada. Minha mãe era dona de casa, porém sempre tinha alguém que a ajudava nas tarefas domésticas. Quando acontecia de ficar sem a auxiliar, eu, com nove anos, lavava os pratos, passava roupa e ajudava a cuidar dos meus irmãos. Mesmo assim tinha tempo para brincar com os irmãos: Joselha, Maro, Joselita e Carlos (pois Cesar, o caçula ainda não havia nascido), e minhas primas, Djane e Deise, e primos Pedrinho, David, Dácio e Dilson, que moravam na mesma rua, no Alto da Burra, como era conhecido naquela época o Bairro Maracujá.

Brincávamos de cozinhar, de visitas e de comadres; tínhamos tempo para brincar de boneca, de queimado, e de ir até o Engenho Firmeza, para buscar azeitona e araçá, pegar água na cacimba para abastecer os toneis e para estudar bastante.

Quando meu pai melhorou de vida econômica, comprou um jipe, e depois uma rural e aerowillis. Viajávamos de carro para a praia de Gaibú, e para Porto de Galinhas para fazer piquenique, o que era muito divertido e prazeroso. Saíamos muito cedo de Escada, às 5h da manhã para ficar na praia até as 11h aproximadamente. Procurávamos um coqueiro com sombra para o piquenique, tomávamos banho e sol. Sempre fui muito branquinha, mas tinha facilidade para me bronzear, e ficava vermelha como uma manga rosa. Almoçávamos e voltávamos para casa. Era maravilhoso, estávamos todos juntos, tomávamos banho, brincávamos de castelos na areia, jogávamos espião, catávamos estrelas do mar e búzios para escutar em casa o barulho do mar. Foi um tempo muito feliz.

Quando não viajávamos para a praia, minha mãe fazia um almoço especial de domingo, e minha madrinha e tia Dulce, junto com meu primo amado Pedrinho, iam almoçar lá em casa. À noite nos reuníamos na Igreja e depois passeávamos na Vila Operária, na Praça onde tinha o Coreto.

²³ Professora, acadêmica efetiva da AELE, cadeira número 17 tendo como patronesse a escritora Clarice Lispector.

No período de férias íamos para Maceió, onde meu avô materno era administrador do Engenho da Usina Cachoeira do Mirim. Meus tios administravam o barracão. Era uma casa grande com 6 quartos, um terraço arrodando a casa, e o barracão ao lado. Tinha uma cachoeira com um lajedo, na frente da casa e assim dormíamos com o sussurro maravilhoso das águas em cascata.

Pescávamos pitu, e brincávamos de desfilar nas pedras, usando sapatos de salto altos, das minhas tias e vestidos longos. Cozinhávamos e fazíamos as compras no barracão. Comíamos peixe, pitu (camarão grande), frutas colhidas dos pés, oiti e ingá da mata, sapoti, laranjas, goiabas e araçás. Bebíamos leite da vaca tirado na hora, queijo fabricado no engenho, e milho cozido que eram colhidos do milharal. Era uma alimentação natural, saudável e farta. Sem contar os doces, e as cocadas que eram feitas por minha vó e tias.

Foi maravilhoso, estávamos eu e meus irmãos, meus primos que tinham a mesma idade, e meus tios. Nessa época não se tinha energia elétrica, e à noite ficávamos com os lampiões acesos até as 20h contando estórias de assombração. Era interessante, mas ficávamos com muito medo e só íamos dormir todos juntos, para um dar força ao outro, e para que o medo não fosse tão apavorante. No outro dia, repetíamos tudo de novo. Para nós eram as melhores férias do mundo.

Aos domingos íamos para a Usina para passear, logo em seguida ir à missa, paquerar com os filhos do usineiro, e assistir as cavalhadas.

Passávamos o mês de janeiro todo no engenho; era uma alegria só. Quando voltávamos aos nossos lugares de origem, tínhamos estórias para contar até as próximas férias.

OUTROS

A ARTE DA CONQUISTA

Com o passar do tempo e consequentemente da idade, observo nos homens e mulheres uma mudança radical de comportamento no que diz respeito à conquista.

Vejo comumente nos dias atuais, mulheres tomando todas as iniciativas e se deixando levar por “homens” que sequer sabem conversar. Não que elas não possam também conquistar. É que perderam, algumas, a noção de que conquistar não é se oferecer.

Em contrapartida, os moços da atualidade ignoram o conquistar uma mulher. Sequer imaginam que palavras do tipo: gostosa, tesão, entre outras impronunciáveis só deveriam ser ditas entre quatro paredes, pois em público causam repulsa e descontentamento na mulher que se queira realmente conquistar.

Não existe mais olho no olho, o gesto do dedo sobre a boca dizendo: quero falar com você! A apresentação carinhosa regada com dois selinhos na face. O que se dá na verdade, na maioria das vezes é o beijo forçado e a tentativa do amasso vulgar e desrespeitoso a qualquer hora ou lugar.

E tudo isto, não é que eu seja caxias ou antiquado demais, romântico ao extremo que me torne cansativo, meloso, chato, pegajoso.

Esqueçam as flores que acabam indo parar no lixo alguns dias depois, dancem juntinhos, valorizem o abraço, conversem ao pé do ouvido, as pessoas não precisam saber do que falam! Riam de quase tudo ou por nada.

Criem motivo, ou apenas motivo algum, para uma taça de vinho, porque nenhuma boa história começa com uma salada. Conquistem e permitam-se conquistar.

Conquistar é uma arte e toda boa arte precisa ser bem elaborada, minuciosamente praticada! E não esqueçam o maior de todos os detalhes: refaçam tudo igualmente como da primeira vez, sempre, frequentemente, não sejam tolos de pensar que está tudo concluído, quando a conquista deu certo. Porque uma vez conquistada uma mulher, se realmente é esta a que você quer, terá que reconquistá-la sempre.

..

²⁴ Técnica em Logística - ETE LDL, graduada em Pedagogia – FAESC – Faculdades da Escada, Pós Graduanda em Psicopedagogia - FAESC.

**Textos do III Concurso Literário da AELE
2016 - ESCADA: HISTÓRIA, CULTURA E
MEIO AMBIENTE**

DEMOLIÇÃO? OXENTE, NÃO!

Diogo Fernandes, descendente de portugueses e escadense com orgulho, uma coisa que a maioria dos nascidos no pequeno município não sentem, desde pequeno amava profundamente a sua cidade, sua história, cultura, paisagem, cidadãos e, principalmente, seus monumentos históricos. Ele sempre foi realmente fascinado pela beleza arquitetônica dos velhos engenhos, tais como Limoeirinho, Limoeiro Velho, Sapucaji, Jundiá, entre outros.

Ele cresceu amando a tudo e todos de Escada. O que acabou o levando a trabalhar na prefeitura da cidade, atendendo aos cidadãos.

Era uma manhã de terça-feira, como qualquer outra. Diogo foi em seu carro ao trabalho, cumprimentou gentilmente à todos os colegas, entrou em sua sala e, logo mais, chegou uma cidadã para que ele atendesse. Mal sabia ele que, naquele dia nublado, receberia uma das notícias mais tristes para seu coração escadense.

Mesmo dentro de sua sala, era possível se ouvir passos, passos pesados, que vinham correndo. A porta foi aberta repentinamente, mostrando o rosto desesperado e aflito de Carlos, amigo de Diogo:

- Diogo! - falou ofegante.
- O que aconteceu, Carlos?!
- O casarão Marques! Vão demolir o casarão!
- O quê?! Carlos soltou um olhar para a mulher que estava sendo atendida e depois para Diogo, como se dissesse “precisamos conversar a sós”. Diogo entendeu a mensagem, então encaminhou a cidadã para seu colega, na sala ao lado.
- Agora fala, o que está acontecendo?
- Vão demolir o casarão Marques!
- O-O quê?! Mas como?!

²⁵ Estudante do 9º ano/2016 - ACC – Aplicação Colégio e Curso. Vencedora em 1º lugar na categoria Conto, do III Concurso Literário da AELE, sob o tema: Escada: História, Cultura e Meio Ambiente.

- É isso mesmo! Sabe aquela empresa bem famosa, a Bet?!
- Sei!
- Pois bem, essa empresa quer comprar o engenho Marques, demolir o casarão e construir uma filial de produção no lugar.
- M-Mas não podem! Não podem fazer isso! O casarão é patrimônio histórico de Escada!
- Pois é! Mas como ele está muito desgastado, ninguém se importa em reformar e essa empresa vai “ajudar a cidade a progredir”, ninguém se importa em demolir. O prefeito e os vereadores acreditam que isso é o melhor, então estão, neste exato momento, mostrando o casarão aos representantes da empresa.
- Vem, vamos até lá!

Diogo correu e, juntamente com Carlos, entrou no carro e dirigiu até o casarão. Chegando ao local, avistaram alguns vereadores e os representantes da empresa, em frente ao desgastado casarão. Diogo não aguentou, foi correndo, enfurecido, na direção deles.

- O que vocês estão fazendo?!
- Quem é você? Não lhe devemos explicações.
- Vocês não podem demolir este casarão, ele é patrimônio histórico da cidade!
- Ele não possui proprietário, a prefeitura é dona, então podemos fazer, sim! - Fora o fato de que, mais cedo ou mais tarde, essa casa velha cairia mesmo, falou com desdém, um dos vereadores - Agora vá embora ou os seguranças irão lhe expulsar.
- “Pelo bem de Escada” hunf, pelo bem dos seus bolsos. Diogo foi embora, bastante decepcionado.
- Sinto muito, disse Carlos, no momento em que foi deixado em sua casa.

Aquele dia nublado estava fazendo Diogo se sentir ainda pior. A dor em seu coração aumentava e seu frio também. Aqui não costuma fazer frio, mas no mês de Junho, até que isso é normal.

- Que frio... sussurrou sentado em sua cadeira, em sua sala do trabalho. Mesmo com o condicionador de ar desligado, o calor parecia não vir.
- Preciso de um café quente... espera... quente... calor... pessoas... É isso! Pessoas! Diogo saltou de sua cadeira, ele havia tido a ideia de reunir diversas

peessoas que também fossem contra a demolição do casarão. E assim o fez. Reuniu pessoas e organizou um protesto em frente à prefeitura.

Mas cartazes feitos à mão, gritos em coro de “Pelo bem de Escada, salve o casarão” e o apelo da população, não adiantaram. A decisão já havia sido tomada e os papéis seriam assinados na manhã do dia seguinte.

Anoiteceu. Após o fracasso do protesto, Diogo foi para sua casa. Suas esperanças escorreram entre seus dedos, assim como a chuva, que após demorar o dia todo, finalmente caíra sobre a cidade.

Ainda estava frio, Diogo não conseguia dormir. Virava para um lado, para o outro, passou horas apenas olhando o teto de seu quarto. Estava pensativo, relembrando sua infância, quando brincava de esconde-esconde na sua rua com os amigos, quando jogava bola no campo perto do rio, quando visitava os antigos engenhos com sua família... e tantas outras lembranças que invadiram sua mente naquela fria noite.

Deveria ser umas 04 h da manhã, quando não aguentou mais e resolveu arrumar algo para fazer. As tantas lembranças o levaram até o último quarto de sua casa, o famoso quarto das “tralhas”, aquele que guardamos tudo que acumulamos durante os anos.

Velhos álbuns que retratavam a infância, o passar do tempo, quadros em que foram retratados os familiares que trabalhavam nos campos de cana-de-açúcar, séculos atrás, livros de escola, da época que estudava...

Ficou um bom tempo distraído com as fotos e tudo mais, até avistar um pano. Estava sobre algo, atrás de uma cômoda, próximo à parede.

- Oxente, o que é isso? Curioso, pegou o objeto, que parecia ser um quadro, e o retirou de trás da cômoda.

Puxou o pano de uma vez. O cheiro de mofo subiu e invadiu suas narinas. Ele tossiu bastante e seus olhos começaram a lacrimejar. Quando a tosse diminuiu e sua visão se tornou nítida, ele pôde ver que no quadro havia o retrato de uma mulher.

- Esse rosto... me é familiar... onde eu a vi?... Ele virou o quadro, para ver a parte de trás.

“Alexandra Fernandes, novembro de 1887”

- 1887... ele virou o quadro novamente e começou a encarar o retrato... - Não creio... Não acredito... NÃO ACREDITO! Ele correu e entrou no quarto do pai.

-Painho! Painho! Quem é essa?! Me diz! O pai acordou, um tanto assustado e sentou na cama.

- Que foi, menino?! - Quer me matar de susto?!

- Desculpa! Mas me diz, quem é ela?!

- Alexandra Fernandes? - Ela é uma de nossas ancestrais de Portugal, que veio junto com os colonizadores. Por quê?

- Obrigado! Obrigado! - Saiu correndo com o quadro em mãos.

- Esse menino não tem jeito mesmo, falou Sr. Bernardo, enquanto sorria e balançava a cabeça.

Diogo correu. Foi até seu quarto, vestiu a primeira roupa que encontrou no guarda-roupa e correu até o carro, levando consigo o quadro. Dirigiu até o casarão Marques.

Tudo que se ouvia era o ecoar de seus passos pesados, pela grande casa desgastada. O som dos passos se misturava com o cantar dos pássaros, que pareciam dançar sobre o ar, naquela manhã ensolarada que acabara de despertar.

Os passos pararam. Ele estava de frente para uma parede em um dos corredores da casa, parede onde havia um enorme quadro, com um retrato de toda família Marques e alguns empregados. Ele olhou para o quadro na parede, olhou para o que estava em suas mãos. Olhou para um, para o outro, para um, para o outro, para um, para o outro novamente, até que finalmente se convenceu do que via e, como em um estalar de dedos, despertou dando um grito.

- EU SABIA! SABIA! SABIA! NÃO ACREDITO! OBRIGADO, SENHOR!! Pulou como uma criança que acabara de receber o presente tanto desejado.

A felicidade invadiu seu coração e seu rosto ficou repleto de luz. Começou a correr novamente, rápido como um foguete, desta vez para fora do casarão. Enquanto corria, pegou o celular e ligou para seu amigo.

-Carlos?!... Acorda, cara! Tenho uma ótima notícia! Vai pra minha casa que eu conto!... O quê? Não, vai agora! Já já eu chego... Oxe!! Só vai, cara! Confia em

mim, não vai se arrepender! Desligou o celular, entrou no carro e dirigiu até sua casa.

Quando chegou, viu a moto do amigo na frente de sua casa, Carlos já havia chegado. Entrou e se deparou com a cara enfurecida e de mau-humor do moreno.

- É melhor ter uma boa explicação para ter me acordado às 06:30 da manhã no meu dia de folga do trabalho.

- Eu tenho não só uma explicação, mas também a salvação do casarão!

- O-O quê?! A expressão de mau-humor foi substituída por um sorriso de orelha a orelha- Mas como?!

- Quando estudamos sobre o casarão Marques, disseram que o Ricardo Marques morava no casarão com sua esposa e dois irmãos. Um irmão voltou para Portugal e o outro morreu em batalha. Anos depois, a esposa morreu de tuberculose, sobrando apenas o Ricardo. Já que não possuíam filhos e tinham um grande carinho pelos empregados, Ricardo Marques apresentou em seu atestado que o casarão ficaria para uma de suas empregadas e sua família, mas ela não tinha interesse na casa, então foi embora com sua família e não foram mais encontrados. Assim, o casarão foi parar nas mãos do governo. Lembra que mostraram o atestado para nós, estudantes?

- Sim, e...?

- E você lembra do nome da empregada?... Falou com o riso abafado e apontando para o nome escrito na parte de trás do quadro.

- Alexandra Fernandes... Era esse mesmo o nome no atestado, mas... onde você arrumou esse quadro? Enquanto falava, pegou o quadro das minhas mãos e começou a analisá-lo.

- Essa é a minha tatara, sei lá quantas vezes, vó. O sorriso não saía de seu rosto.

- M-Mentira!... MENTIRA! CARA, VOCÊ SABE O QUE ISSO SIGNIFICA?!

- Sim!

- Legalmente, o casarão Marques pertence à sua família! Diogo, eles não podem demolir sem a permissão de vocês!

- Pois é! Por isso te chamei! Você entende dessas coisas melhor que eu, quero que me ajude a organizar os papéis, documentos, o que for preciso para provar

que o casarão pertence à minha família e assim poderemos evitar a sua demolição.

- Claro, cara! Mas algo dessa magnitude precisa de um advogado... Vou ligar para um amigo advogado meu e ele nos ajudará com o que for preciso!

- Obrigado!

Carlos ligou para o advogado e junto com Diogo e seu pai organizaram os documentos necessários para provar que eles eram descendentes de Alexandra Fernandes. Foram até a prefeitura, anunciaram aos vereadores e aos representantes da empresa. A assinatura dos papéis de compra, que ocorreria naquela manhã, foi adiada até que se provasse a legalidade do quadro, dos documentos e do fator parentesco entre os Fernandes.

Menos de um mês depois, após diversas pesquisas e reuniões, foi provado oficialmente que o Sr. Bernardo Fernandes e, conseqüentemente, o Diogo eram realmente descendentes de Alexandra Fernandes, portanto, legalmente, a propriedade Marques pertencia aos Fernandes.

Tido tudo provado, a empresa Benet foi obrigada a deixar a ideia de compra de lado, já que os novos proprietários não abririam mão da riqueza cultural presente na casa em prol da preservação histórica da cidade.

Após diversas campanhas para arrecadar dinheiro, o casarão foi reformado e transformou-se num museu, tornando-se um dos principais pontos turísticos da cidade.

Com isso, outras iniciativas para a reforma dos casarões de outros engenhos surgiram, fazendo a população valorizar cada vez mais o patrimônio cultural da cidade de Escada.

FÁBIO DE SANTANA BANDEIRA JÚNIOR²⁶

MINHA ESCADA EM DETALHES

Escada querida
Oh, Princesa de meu Brasil!
És sinônimo de beleza, de riqueza
A natureza exalta tuas paisagens mil.

É doloso saber que tu sofres
A injúria de pessoas cientes
Que denigrem a tua imagem
Corrompendo o Meio Ambiente.

Quando passo pela Atalaia
Ouço um grito ecoando no ar
É o Rio Ipojuca lamentando
O lixo que jogam sem nem trégua dar.

E quando lembro de ti, oh Rio!
Das tuas águas claras e límpidas
Vejo a verdade espalhada em tuas margens
E em teu curso a tristeza de seguir esta lida.

Esgotos a céu aberto
Lixões no meio da rua
Quem vem transitando, reclama
Quem vem visitar, julga.

Se esquecem que Escada é nossa casa
E ninguém quer morar em ambiente sujo

²⁶ Estudante do 9º ano/2016 do Aplicação Colégio e Curso. Vencedor em 1º lugar, na categoria poesia, do III Concurso Literário da AELE, sob o tema: Escada: História, Cultura e Meio Ambiente.

O melhor é preservar
Em vez de externar murmúrios.

Escada, minha cidade
Bom seria que soubessem te zelar
Enquanto não abrirem os olhos para ti
Só a história pode ter acalantar!

ADYLLA MARIA BEZERRA DE LIMA²⁷

ESCADA, CIDADE MARAVILHOSA!

Escada é uma cidade,
Muito interessante
Mas também é uma cidade
Com muitos habitantes.

A cidade de Escada
Tinha muitas usinas,
Porém algumas fecharam
E a cidade ficou em ruínas.

O comércio de Escada
Com um tempo foi crescendo,
Hoje temos várias lojas
Que foram se desenvolvendo.

²⁷ Estudante do 6º ano/2016 da Escola Municipal Monte Sinai. Vencedora em 2º lugar, na categoria poesia, do III Concurso Literário da AELE, sob o tema: Escada: História, Cultura e Meio Ambiente

ESCADA, CIDADE MARAVILHOSA !

Escada uma cidade avançada,
Com muitas casas,
Cidade elaborada,
Com um bairro chamado Atalaia.

Antigamente existia pouca gente
Antigamente poucas casas
De madeira e de palha
Há ! cidade elaborada!

Cidade maravilhosa,
Cidade poderosa,
De 143 anos de história
Ha ! cidade tem lojas!

Escada com empresas
E muitas igrejas
Eita, eita!
Que cidade direita.

²⁸ Estudante do 6º ano/2016 da Escola Municipal Monte Sinai. Vencedora em 3º lugar, na categoria poesia, do III Concurso Literário da AELE, sob o tema: Escada: História, Cultura e Meio Ambiente.

FERNANDO LUIS LIMA DE ALBUQUERQUE JÚNIOR²⁹

ESCADA, MINHA TERRA NATAL

Cidade maravilhosa,
Boa de viver,
Onde viviam os índios,
Nos canaviais.

Agora é uma cidade,
Muito mais evoluída,
Com casas, prédios e até prefeitura,
Vários comércios logo no centro.

Você pode encontrar a Igreja Matriz,
Hospitais, princesa dos canaviais,
Com desenvolvimento e progresso.

²⁹ Estudante do 6º ano/2016 da Escola Municipal Monte Sinai. Vencedor em 3º lugar, na categoria poesia, do III Concurso Literário da AELE, sob o tema: Escada: História, Cultura e Meio Ambiente.

**Textos do IV Concurso Literário da AELE
2017 - VIDA E OBRA DE TOBIAS BARRETO**

1º LUGAR – CATEGORIA CONTO

PAOLLA GIOVANNA SANTOS CLAUDIANO³⁰

OS TONS PASTÉIS DE UM ENTARDECER FILOSÓFICO

Foi em uma agradável tarde de outono que ele a conheceu.

Tobias Barreto caminhava sozinho pelo jardim do Campus da faculdade onde estudara. Estava mergulhado em seus pensamentos, como de costume, pensando filosoficamente - diga-se de passagem, poeticamente também- sobre a situação em que se encontrara não só sua terra, mas todo o mundo. Injustiças, intrigas, maus tratos, prisões - tanto físicas quanto psicológicas. Tudo parecia um grande caos. Algo precisava ser feito.

Além desses pensamentos - que eram frequentes - também martelava em sua cabeça a tristeza. Ah, a amarga e frequente tristeza. Esta lhe acompanhara como uma sombra. Tobias, apesar de talentoso, nunca alcançara seus objetivos. Na faculdade, em concursos ou debates, suas ideias, projetos e obras sempre ficavam em segundo lugar ou não eram aceitas. E ninguém se lembra de quem fica em segundo lugar. Apesar de tentar evitar, isso o deprimia, o que o levava uma, vez ou outra, expressar sua tristeza em seus poemas, era sua forma de desabafar. Isso tudo fora os machucados provocados por desilusões amorosas. Pobre Tobias, conquistara o coração de sua amada com seu jeito poético de falar, mas este seu jeito não agradou muito ao pai da moça, que o proibiu de aproximar-se da jovem novamente.

Como em um estalar de dedos, despertou de sua “hipnose ideológica” com o sopro do vento em seu rosto, aquelas ventanias fortes e repentinas, típicas do outono. Este lhe levou o chapéu para longe, como se sussurrasse em seu ouvido “olhe para aquela direção”. E ele obedeceu-lhe: olhou.

Era uma cena até que bonita de se ver: seu chapéu parecia dançar no ar, juntamente com as folhas secas caídas das árvores do Campus. Tobias seguiu a bela dança com os olhos, até que os pares foram separados: as folhas continuaram a subir cada vez mais alto e mais longe, seu chapéu tentou segui-las, mas, enquanto subia, esbarrou com uma árvore e caiu em um arbusto logo em seguida.

Tobias sorriu por um breve momento. De forma dolorosamente irônica o chapéu se assemelhava muito a ele: tentava acompanhar aqueles ao seu

³⁰ Estudante do 1º ano do ensino médio da escola EREM Monsenhor João Rodrigues de Carvalho

redor, mas era arrastado pela gravidade, no caso, o iminente fracasso em sua vida.

Aproximou-se do arbusto onde se encontrara o chapéu e o pegou. Quase que o consolando, passou a mão sobre ele, retirando a terra que o sujara e sussurrou um “Bom trabalho”, forma de parabenizar o chapéu por ter se esforçado e ido tão longe. Talvez, no fundo, era disso que Tobias precisava: alguém para consolá-lo, confortá-lo. Alguém para amá-lo.

Sentiu seu coração apertar.

Colocou o chapéu de volta em sua cabeça e, quando levantou o olhar, percebeu que, do outro lado do arbusto, havia uma moça encarando-o com expressão confusa. Estava ficando maluca ou ouviu o estranho falar com o chapéu?

Tobias não entendeu a estranheza da moça e nem pôde tentar, estava ocupado demais admirando sua beleza. Porte nobre, rosto angelical, longos cabelos negros e ondulados e olhos profundamente castanhos que brilhavam com o reflexo alaranjado do pôr do sol.

Passaram-se alguns minutos e Tobias continuava a encará-la, sentia-se preso pelos olhos da bela jovem. Mas esta se sentia incomodada, afinal, um estranho -aparentemente maluco - não desviava o olhar dela. Inquieta, não pôde evitar indagar:

- O que aconteceu? Por que me encaras tanto? Falou num tom de voz firme.

- Oh! Perdoe-me, senhorita. É que, se me permite dizer, fiquei encantado com tamanha beleza esbanjada por vós. Respondeu um tanto nervoso, mas tentando parecer galanteador.

- Entendo... Mas diga-me, estou a ouvir coisas ou o senhor estava a falar com o chapéu?

- Não estava... parou para pensar e percebeu que, na verdade, realmente havia falado com o chapéu instantes atrás. Certo, certo. Confesso que cheguei a falar, mas estava apenas pensando alto, eu diria.

- Pensando alto? Só aceito esta repostagem porque em um lindo fim de tarde como o de hoje é realmente difícil controlar os pensamentos e estes acabam fluindo de forma que se espalham pelo céu junto ao vento, falou com expressão pensativa, olhando para os pássaros que sobrevoavam o céu.

- Que fala profunda, senhorita. Mas confesso concordar. Será que poderia conceder-me o prazer de saber vosso nome?

- Me chamo Grata Malfada, falou enquanto fazia reverência com a cabeça.

- Nome graciosamente único, assim como a senhorita. Me chamo Tobias Barreto. Após falar, beijou delicadamente a mão da jovem. É um prazer conhecê-la.

Foi inevitável. Começaram a conversar, cada um expondo suas respectivas ideias sobre diferentes temas e, mesmo que fossem divergentes, a forma profunda que ambos viam o mundo tornou a conversa muito interessante. Os pássaros ao redor faziam-lhes companhia e pareciam até se interessar pela conversa.

Vez ou outra ele falava de forma poética e filosófica, já estava familiarizado com a profundidade que era possível transmitir seus pensamentos e era muito bom nisso. Ela, apesar de crescer em uma realidade mais distante, também falava de uma forma quase que filosófica e isso encantou a Tobias.

Como em um piscar de olhos, anoiteceu. As primeiras estrelas começavam a se espreguiçar no céu e a tímida lua surgira aos poucos. Não perceberam que era tão tarde até o pai de Malfada, o senhor João Félix dos Santos, encontrá-la. Malfada estava acompanhando o pai, o qual precisava resolver alguns negócios com um dos professores da faculdade.

Tobias e Félix foram apresentados e este chegou a comentar que já ouvira falar do jovem através de seu filho, José Roberto. Tobias estremeceu. Sabia que não deveria ter boa fama com o senhor João, já que Roberto não gostava dele. A esperança que timidamente surgiu em Tobias foi apagada por um balde de água fria, chamado realidade.

Os dias foram passando e a bela jovem de cabelos negros era frequente nos pensamentos de Tobias. Quando a encontraria novamente? Não sabia a resposta, mas uma coisa era certa: encontraria o seu irmão em breve. Haveria um concurso para a cadeira de Filosofia do Ginásio Pernambucano e ambos participariam. Apesar de ser capacitado, Tobias sabia que estava em desvantagem, Roberto possuía influência e Tobias, além de sofrer preconceito por ser mestiço, não possuía muitos amigos.

Certa vez houve uma festa comemorativa na faculdade e cada um poderia levar um acompanhante. Tobias não tinha quem levar. Ah, quem dera ser próximo de Malfada... Mas não a encontrara novamente desde que se conheceram. Ele nem ia, mas acabou cedendo à insistência do colega que não queria passar a noite em casa.

Chegando lá, teve a companhia do colega por apenas alguns minutos, pois o desejo de seguir os longos vestidos na festa era maior - e mais belo, por sinal - que o de fazer companhia ao Tobias. Este passou um longo tempo apenas na companhia de sua taça e de seu reflexo no peculiar líquido ao qual nem o agradava o sabor. Cercado de pessoas mesquinhas e fúteis, que se

importavam apenas com elas mesmas, começou a se perguntar o que fazia ali. Seu colega já estava muito bem acompanhado, então resolveu ir embora.

Na porta do salão de festas, por acidente, esbarrou com uma moça. Desculpou-se e, logo após, sorriu de sua sorte: era ela! Esbarrara em Grata Malfada! Ah... E ela estava radiantemente bela. Quando percebeu que encontrara o maluco do chapéu, Malfada também sorriu do bom humor do destino, em permitir que eles se encontrassem novamente.

Foram para o jardim do Campus e começaram a conversar como da vez anterior, mas dessa vez eram as estrelas que os faziam companhia e não os pássaros.

Passaram-se alguns minutos, até que foram interrompidos pelo irmão da jovem. Malfada era a acompanhante de Roberto e este sentia falta de sua presença na festa. Chamou-a para voltar a acompanhá-lo, deixando claro em seu olhar a insatisfação de ver a irmã conversar com Tobias. Despediram-se. Apesar de querer ter a companhia da jovem por mais tempo, Tobias sentia que ganhara a noite apenas por conseguir vê-la e conversar com ela. Ele estava feliz.

Os dias passavam e o concurso se aproximava cada vez mais.

Certa vez, Tobias e Roberto encontraram-se e este deixou claro que percebera o interesse do mestiço em sua irmã e que não permitiria que ele voltasse a aproximar-se dela. Também comentou, em tom de zombaria, que Tobias não seria capaz de superá-lo no concurso, que estava “destinado ao segundo lugar” pela eternidade.

O tão esperado dia chegou, apesar das provocações de Roberto, Tobias conseguiu se sair realmente muito bem. E que surpresa: conquistou a primeira colocação! Mas, infelizmente, em seu lugar foi nomeado José Soriano de Souza, pelo fato de ser casado e Tobias, solteiro. Era visível na face de Roberto a satisfação por Tobias não ser nomeado, mas sua felicidade não era completa, afinal o mestiço ainda havia conseguido o primeiro lugar. Tobias nem se importava com Roberto, sua frustração por não conseguir apenas por ser solteiro era profunda.

Naquele mesmo dia, encontrou novamente com Malfada, que estava com o pai, senhor João, visitando Roberto. Cumprimentou-os e, encorajado pela frustração, decidiu ser direto, não queria perder mais oportunidades em sua vida, então assumiu ao senhor João possuir interesses românticos por sua filha e pediu permissão, com todo o respeito, para iniciar um relacionamento com ela. Malfada surpreendeu-se com a coragem do jovem e tentou disfarçar a felicidade que sentia. Roberto logo tentou convencer o pai a recusar Tobias, mas senhor João não o fez. Sabia quão injusto era o filho, ouviu falar de como Tobias havia se destacado no concurso e, por infelicidade do destino, não

ganhara. Viu o brilho nos olhos tanto da filha, quanto do mestiço e resolveu dar uma chance. Era um senhor muito atencioso com a filha, então permitiu que esta decidisse. Sem hesitação, disse controlando a felicidade “Sim!”.

Alguns anos depois, casaram-se e foram morar na pequena cidade de Escada, onde Tobias deixaria sua marca. Infelizmente, continuou não obtendo muito reconhecimento por seus feitos e suas obras, mas possuía alguém para confortá-lo, consolá-lo e amá-lo. Assim como seu velho chapéu possuía sua cansada mão para afagá-lo.

2º LUGAR – CATEGORIA CONTO

KEYLLA KETHILLYN BARBOSA DE ARAÚJO³¹

PUERÍCIA DE BARRETO

Movimentado. Essa era a palavra certa para nomear aquele vilarejo e ainda mais em tempos de colheita, em que os camponeses corriam contra o tempo para conseguir vender suas mercadorias antes do inverno.

Uma época que Tobias amava, pois podia sair nas ruas e olhar o rosto daquela gente. O garoto agora em seus 12 anos de idade, com uma mente fértil, tinha como costume se sentar na calçada no comércio e olhar atentamente os comerciantes, gostava de calcular suas emoções, imaginar seus pensamentos, aos olhos dos outros isso seria visto como "vigiar a vida alheia", mas para Tobias era diferente. Ele gostava de interpretar as coisas por mais aleatórias que elas fossem.

Todos os dias de sábado, Tobias ia ao comércio, sentava na mesma calçada e ficava observando as pessoas. Sempre numa posição espojada, com as pernas esticadas e apoiando seu peso sobre os braços, ali ele passava horas, mesmo que algumas pessoas o chamassem de menino bisbilhoteiro, ele apenas ignorava ou respondia um "meu fito é saber, nada mais".

O que era uma verdadeira colocação. O pequeno Barreto tinha fome de conhecimento, já que não era tão popular entre as crianças de sua idade, sentia-se na necessidade de avançar seus conhecimentos.

Até que em um sábado ensolarado, seguindo o mesmo percurso entre sua casa e o comércio, Tobias pode perceber que havia alguém sentado em seu lugarzinho de costume. Era um garoto que aparentava ter sua idade, de estatura baixa e pele morena, seu cabelo era crespo. Até então o desconhecido mantinha seu olhar perdido e seus pensamentos não estavam ali. Era intrigante a maneira na qual o moreninho observava as coisas como se elas não estivessem ali. Tobias se aproximou e tocou o ombro do garoto, de

³¹ Estudante do 2º ano do ensino médio escola: ACC – APLICAÇÃO COLÉGIO E CURSO.

primeira ele o pediria para sair de seu lugarzinho, mas sua curiosidade o prende mais uma vez.

- O que tanto pensas, rapaz?" - Tobias indagou o moreninho, que deu um sobressalto de susto, encarou Tobias, mas continuou calado. Seu olhar agora era indecifrável.

- Tu não sabes falar? - Insistiu Tobias, e mais uma vez, sem sucesso. O moreninho não se pronunciava.

Tobias ergueu sua coluna e olhou em volta. Ele agora queria chamar a atenção do moreninho de olhar perdido.

- Gostas de Uva? - Sua pergunta ao garoto o fez voltar a fitá-lo, dessa vez com os olhos brilhando.

Tobias teve uma grande ideia, ali mesmo, em meio ao comércio, Tobias catou as poucas moedas que tinha em seu bolso e comprou uvas para o moreninho, até agora desconhecido, que não aparentava ter mal algum.

Começou ali, uma grande amizade.

Com o passar dos anos, Tobias agora tinha dezenove anos de idade, e o "Moreninho amante de Uvas", seus dezessete. Seu nome era Joaquim.

Durante toda sua fase de adolescência, Tobias conviveu e desfrutou desde as mais belas coisas até as piores. Dentre elas havia democracia, racismo, preconceito e em todos esses males sociáveis e Tobias simplesmente não compreendia a necessidade de tais. Em todos os jornais em que ele recebia, tinham como manchete principal algum ocorrido de preconceito/racismo etc.. Estava se tornando algo cansativo.

- No que tanto pensas, Tobi?- Joaquim o pergunta enquanto ambos caminhavam pelas ruas.

Tobias calado e cabisbaixo, apenas respondeu com um mínimo sorriso no rosto, pensando no quanto inveja a autoestima do mais novo, que passa por vários problemas democráticos, por inúmeros preconceituosos e racismo e ainda assim continua rindo da vida.

De longe avistaram um pequeno tumulto que se aglomerava em frente a uma venda conhecida no bairro, após algumas passadas ligeiras, conseguiram se aproximar do local e perceberam que havia uma briga entre dois homens. Um com vestes de domingo, brancas e limpas, assim como sua pele e o outro vestia roupas casuais e sua pele era negra.

Tobias soltou um baixo suspiro já suspeitando do motivo da discussão, talvez racismo, não havendo, cor parte de muitos, o respeito às diferenças e são incapazes de viver com tais.

Calado e persuadido, Tobias tomou o braço de seu amigo e deram as costas diante daquela cena de dois homens de pensamentos opostos trocando ofensas.

- Pra mim, um homem que tem a boca cheia de língua parece inadmissível que tenha uma cabeça cheia de ideias - Tobias comentou para seu amigo, que admirava sua sabedoria e sua forma de pensar.

- Tu andas sempre com a palavra ao pé da língua, como tu consegues?
- Joaquim indagou o amigo que soltou uma gargalhada diante de sua pergunta.
- Não faço mistério de minha fé filosófica, sou materialista, no bom sentido da palavra.

1º LUGAR – CATEGORIA CORDEL

LAVINNIA CAMYLE DE MELO SANTOS³²

SEU TOBIAS

Neste cordel vou contar
A história de um grande homem
Que à Literatura enriqueceu
E do nosso meio não some
Deixando-nos tamanha contribuição.
Vos peço, caros leitores, o honrem.

Um garoto, menino, rapaz
De lá das bandas do Agreste,
De Sergipana de Campos,
Terra árida do Nordeste
Onde o fio da seca
É chamado de caba da peste.

Veio parar justo na minha cidade,
Princesa dos canaviais.
Escada, terra Pernambucana
Que o povo nem valoriza mais
Quando eu disser o nome do caba
Todo mundo vai gostar por demais

Tobias Barreto é o nome dele
Pense num homem sonhador
Nascido em 7 de junho de 1839
Sonhava em ser doutor
Advogado era o que queria

³² Estudante do 9º ano da escola Educandário Menino Deus.

E conseguiu, por ser trabalhador

Pensou advocacia,
Mas sentiu foi paixão
Pela tal da filosofia
Ele poderia ter qualquer profissão
Ator, ou até cantor, não teve jeito
A filosofia ganhou seu coração

Autor de tantas obras
O beija-flor é uma delas
Passa um sentimento de amor
Com aquelas palavras belas
Encantando qualquer pessoa
Que se delicia na leitura dela

Já a escravidão
Fala do povo sofrido,
De tristeza e da dor,
Do pobre escravo, pé queimado
Que não conhece o privilégio
Da liberdade do seu lado

Em que mimo!
Retrata-se a beleza
Da bela morena
Que com sua gentileza
Encantou ao Seu Tobias
Sem tamanha moleza.

A Literatura nos registra,
Hoje um grande legado
De um crítico literata
Regado de grande significado

Que usou seus belos versos
Para deixar a todos encantados.

2º LUGAR – CATEGORIA CORDEL

CAIO RENAN SILVA DOS SANTOS³³

TOBIAS BARRETO

É com muita satisfação
Que agora vou falar
De alguém com emoção
Que vale a pena admirar
Tobias Barreto de coração
A sua história vou contar

Em Sergipe, ele nasceu
Mas depois voou
Em busca de um sonho seu
E muito conquistou
Lutou e com êxito cresceu
Sendo repentista, poeta e professor

Patrono da Academia Brasileira de Letras
Advogado e deputado
Várias atividades extras
Teve muito resultado
Não estava de bobeira
A todo tempo preparado

Ao longo de sua vida
Encontrou um belo amor
Que encheu sua vista
Mas era muito namorador
Em Escada fez conquista

³³ Estudante do 9º ano da Escola ACC – APLICAÇÃO COLÉGIO E CURSO.

E abolicionista também se tornou
Para o Recife se mudou
Em busca de estudar
Na faculdade passou e se formou
E na área de direito começou a lecionar
A sua marca ele deixou
Antes da sua vida acabar

Um homem sonhador
A muita gente ajudou
Quando negros libertou
E sonhos realizou
Além de ser cheio de ideais
Que lutava e os tornava reais

No fim de sua jornada,
Seu nome foi muito honrado
Valorizando-o nessa estrada
Ate hoje ele é lembrado
Como alguém revolucionário
Em Sergipe é chamado
De autor extraordinário.

3º LUGAR - CATEGORIA CORDEL

EMMILLY GABRIELLE LIRA DE SANTANA³⁴

LEGADOS TOBIENSES

Tobias, meu caro Tobias,
Jaz tu em uma cova,
Nenhum osso sequer há naquele lugar
Porém tua mente e teu deleite
Nas obras tuas não sumirão
Vivas estão em teu coração.

E na tua mente por nós tão carente
De uma tal compaixão
Que abrangeu até a mulher
Que teve seu querer transformado em emoção
E seu pensamento que foi cimentado
Levado em grande canção

Por eles dirá inferioridade
Então presumo que fostes injuriado
Pela saudade que temias
E pela alegria que sentia
O teu coração em tocar violão
Carregado de grande paixão.

Tua majestade arrancava o preconceito
E devolvia o direito a quem o quisesse buscar
E assim digo jaz os ossos e o corpo
Mas a mente permanece a tua altivez
Sendo reconhecida um pouco de cada vez

³⁴ Estudante do 8º ANO da escola EDUCANDÁRIO MENINO DEUS

SÓCIOS BENEMÉRITOS DA AELE

Sem o apoio destas pessoas a publicação dessa obra não seria possível. A academia escadense de letras lhes é grata pelo incentivo.

1. MANOEL FERREIRA DOS SANTOS

Escadense, filho de José Ferreira dos Santos e Rosa Ferreira dos Santos, engenheiro agrônomo pela UFRPE, professor de matemática, álgebra, trigonometria da UFRPE, desenvolveu trabalhos de engenheiro agrônomo na SUDENE e é sócio da empresa PROTECS - Projeto Técnico Ltda.

Com grande influência no cenário político do estado de Pernambuco na década de 90, foi candidato a prefeito da cidade de Escada pela PMDB, momento em que apresentou a sociedade escadense suas grandes ideias e propostas para o desenvolvimento social, artístico e cultural. Hoje se propõe a fortalecer esta casa de literatura e arte.

2. JOSE MAURO ARAUJO CHAVES

Escadense, filho de José Maria Chaves e Ruth Araújo Chaves, residente na Fazenda Raízes de sua propriedade. Casada com Maria Lúcia Sales Chaves, também natural de Escada. Pai de três filhos: Ana Katarina, José Maria e Amanda, e avô de quatro netos: João Mateus, Ana Luisa, Maria Carolina e José Mauro Neto.

Técnico agrícola pelo colégio agrícola de Barreiros, empresário no segmento de defensivos agrícolas, desenvolveu trabalhos no Ministério da Agricultura, nas empresas Bayer e Rhodia Agro do Nordeste. Fundou há mais de 10 anos a AGROFIELD. Primeira empresa do setor, no ramo de defensivos agrícolas, que atua no mercado de cana de açúcar no Nordeste, onde atualmente, exerce a função de Diretor Comercial.

Participou ativamente do Rotary Club - Boa Viagem, onde realizou ações sociais de apoio e solidariedade. Fundador do evento equestre "Cavalgada da Fazenda Raízes" ajudando e incentivando o Turismo e divulgando a cultura da cidade de Escada; sócio do Lions Clube Escada Mata Sul, atua como grande incentivador de eventos, sendo presença marcante em solenidades importantes na cidade.

3. JOSÉ CARLOS DA PAIXÃO

Nascido em Escada em 14/08/1960, filho de José Ageu da Paixão e Maria Eunice da Paixão, de uma família de 06 irmãos. Estudou no Sesi de Escada, no Colégio N.S. da Escada, graduado em Ciências Contábeis pelo ESUDA, casado com Claudia Maria Mendes da Paixão, e avô de Theo Paixão. Iniciou a vida profissional na área financeira em 1979 no Banco Banorte e Banco Bandeirantes onde fiquei por 17 anos, em 1999 junto com sua irmã Lucielma Paixão, fundaram a Escola Técnica de Enfermagem Irmã Dulce.

4. ANA RITA SIQUEIRA PORTELA

Escadense, filha de Amaro Dirceu de Siqueira e Maria de Lourdes Peixoto Siqueira, casada com Weliton Portela acadêmico correspondente da Academia Escadense de Letras. Tem 03 filhas, residente em Recife e empresaria na área da saúde. Proprietária da CLIMESC - Clínica Médica da Escada.

5. CARLOS ROBERTO PEREIRA DE SOUZA

Escadense, filho de Heleno Pereira de Souza e Anita Maria de Souza. Casado com Edvania Maria dos Santos Souza, 03 filhos, residente em Escada, empresário do ramo da mortuária.

6. JORGE LUÍS DE LIMA

Escadense filho de Guilhermina Santos de Lima e Luiz Bezerra de Lima, casado com Liziane Patrícia Buarque de Melo Lima, 04 filhos, administrador de empresas. Empresário do ramo de combustíveis.

7. JOSEBIAS CARVALHO DE LIMA

Natural do Cabo de Santo Agostinho, filho de Maria José Carvalho de Lima e Manoel Lucas de Lima, casado com Maureli Silveira de Lima, 04 filhos, administrador de empresas, analista de sistemas e engenheiro civil. Empresário do ramo da construção civil. Realizou diversas construções de grande relevância para a sociedade: Escola Monsenhor João Rodrigues de Carvalho, Empresa Maxen, PPL, Multinacional GARDEN LIFE, Galpão GERDAU, Galpão Lógico CONE, Galpão COMAU FIAT, Shopping Center Recife, dentre outros.

8. MARIA DAS GRAÇAS BARROS ROLIN

Natural de Amaraji, filha de Mauricio Bezerra de Barros e Alice Pereira de Barros, casada com Antônio Januário Rolim, 03 filhos, professora, proprietária e diretora da Escola Geração Futuro em Boa Viagem.

BRASÃO DA ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS



O brasão representa as nossas origens. Nele construímos nosso escudo de lutas em favor da cultura escadense e da literatura.

Ele é composto de uma linguagem simbólica significativa, que traduz cultura, valores, crenças e armaduras de luta

Assim constituímos:

Os louros: simbolizam a glória, o triunfo e a planta consagrada ao deus Apolo.

O livro: fonte dos saberes de diversas linguagens literárias, objeto milenar que armazena o pensar, que oferece ao homem a condição digna de libertação através da leitura de mundo e de sociedade, immortalizando assim a cultura e a inserção na vida cidadã de uma país.

A pena: simboliza a proteção, a fecundidade, a clarividência, a fantasia, a lua, a justiça, o poder, o pensamento e a leveza da escrita poética e libertadora.

A escada: simbolicamente representa o nome da nossa cidade. No entanto, no brasão a escada é constituída pelas lanças indígenas, nas linhas verticais e nas linhas horizontais, pelas correntes da escravidão da região da Mata Sul de Pernambuco.

A cana: representa o poder econômico da região.

A fita: com ondulações na cor vermelha, traduz nosso lema “**Lutar com palavras**”, nos encorajando na busca incessante da justiça e da paz.

Waldyr José Siqueira

Acadêmico efetivo da AELE – Academia Escadense de Letras

HI NO DA ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS

“LUTAR COM PALAVRAS”

Letra: Sebastião Araújo

Música: Sebastião Araújo / Edmundo Fernandes

Ó terra-Mãe, que em nosso peito brilha
Ouve o clamor de tantos descontentes
Que na tormenta deste chão se agitam
Ao dissabor do teu sol tão ardente.

De Portugal o mundo vem primeiro,
Com negro e índio ergueu-se uma vila
De mameluco a mulato, herdeiros
Pequeno Nicho, a terra santifica.

Refrão: Lutar com palavras é vencer o vencedor ! (3 vezes)

Do massapê, a cana e a riqueza
Que teus barões há séculos ostentam.
E um progresso em grande incerteza
Que aos teus filhos há tempo afugenta.

Dos ideais de liberdade És Mãe !
Tu viste a República nascer.
Brios de guerreira, Tu tens, não Te acanhes.
Abre os braços, é um novo amanhecer!

Refrão: (1 vez)

Faze de nós condutores da história
Que engrandece o homem e sua alma.
Igual Tobias, vulto de outrora
Para que eterna também seja nossa fala.

E esta casa enfim, edificada
Pelo modesto homem acadêmico.
Jamais se canse de honrar Escada
Para orgulho do povo escadense.

Refrão : (1 vez)

INVENTÁRIO DE ATIVIDADES DA ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS - 2016 – 2017

1. RESGATANDO A HISTÓRIA

A AELE, Academia Escadense de Letras, idealizada pelo escritor escadense José Luís Minduca (*in memoriam*) foi fundada em 24 de maio de 2010 com o objetivo de estimular e promover o desenvolvimento da **Cultura Literária**, das **Artes** e do **Conhecimento Científico** do nosso município, bem como, daqueles onde a Instituição mantém sócios honorários, correspondentes e jovens intelectuais. Com 7 anos de intensa atividade, a AELE é fruto de um trabalho desenvolvido, até o momento presente por quatro gestões.

A primeira gestão (Biênio 2010/2012) teve a frente da presidência, o incansável escritor José Luís Minduca (*In Memoriam*) que, com seu dinamismo agregou artistas, escritores, pesquisadores e possibilitou espaço de fortalecimento para cultura e literatura escadense. Todos nós que fazemos a AELE temos em sua imagem, nossa referência de luta, perseverança, amor a terra e sonho de uma sociedade em que todos sejam respeitados tenham oportunidades de inclusão. Ao lado dele, nomes de literatas consagrados na nossa sociedade, tais como o escritor e poeta Sebastião Araújo (*In memoriam*), a historiadora Mariinha Leão, a linguista Sevatil Lobo, o cordelista Valdeci Leocádio, o poeta Adriano Sales e demais membros que compuseram a diretoria na busca de **Lutar com Palavras**, instituíram saraus, concursos literários, natais com poesias, entre outras atividades.

A segunda gestão foi presidida pelo Acadêmico Waldyr José Siqueira (Biênio 2012-2014), que motivado pelo sonho do **ir ao encontro**, fortaleceu a Casa Tobias Barreto, agregando novas categorias de membros e outras instituições. Tendo ao seu lado uma diretoria atuante criou o bloco lírico da AELE, o Encontro das Academias das Microrregiões de Pernambuco e o intercâmbio de lazer e cultura da AELE. Contribuiu para a fundação da Academia Morenense de Letras e Artes e ainda conseguiu um dos mais importantes legados para uma academia de Letras: o lançamento de sua primeira Antologia, compostas

por textos literários (contos, cordéis, crônicas e poesias). Nessa gestão, foram criadas pelo acadêmico Renato Ferreira de Santana, as comendas de ordem do mérito Maior (Tobias Barreto); Literário (Samuel Campelo); da Justiça Social (Manuel Valentim); Espírito da paz; Artístico Jundiá Grande (Cícero Dias) e da Educação (Barão da Escada).

Na terceira Gestão (Biênio 2014-2016), a AELE teve a frente da presidência, a Acadêmica Teresinha de Jesus de Oliveira Guimarães de Melo, que não só deu continuidade ao projeto da AELE como também possibilitou que a academia formasse outros descendentes em Cachoeira da Bahia com a fundação da Academia de Letras e Artes da mesma cidade. Ampliou o quadro dos sócios beneméritos, membros honorários e jovens intelectuais. Realizou a primeira exposição fotográfica da AELE, e o primeiro Sarau de Lendas Urbanas. Idealizou o evento almoçando no mercado.

2. BIÊNIO 2016-2018

A quarta gestão, ainda em vigor (Biênio 2016-2018), tem a frente da presidência a Acadêmica Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto, na vice-presidência o Acadêmico Adriano Sales, 1ª secretária - Acadêmica Teresinha Melo; 2ª secretária - Acadêmica Elizabeth Leocádio; Diretora Financeira - Acadêmica Isabel Oliveira; Vice-diretora - Acadêmica Lourdes Fragoso; Diretor social - Acadêmico Waldyr Siqueira; Diretora de Comunicação - Acadêmica Cícera Izídio; Diretor de pesquisa e extensão - Acadêmico Tarcísio Augusto; Diretor Jurídico - Acadêmico Severino Lins; Diretor de Biblioteca - Acadêmico Valdeci Leocádio; Oradora - Acadêmica Sevatil Lobo. A diretoria conta ainda com o Conselho Fiscal, a Comissão de ética e a Comissão Acadêmica e de Publicação.

Empossada em 23 de julho de 2016, a diretoria vem, de forma articulada, desenvolvendo um trabalho incessante no sentido de: a) fortalecer as atividades da Casa Tobias Barreto já consolidadas em outras gestões; b) possibilitar a inclusão de outras formas de linguagem no cotidiano acadêmico; c) incentivar o desenvolvimento de projetos literários, de pesquisa e

artístico/musicais e ainda, d) formalizar a Academia Escadense de Letras junto aos órgãos competentes, conforme podemos perceber no inventário das atividades desenvolvidas ao longo desse período que serão descritas as seguir.

Solenidade de Posse da Nova Diretoria (biênio 2016-2018), realizada na Câmara de Vereadores.

1. **Atualização do Blog da AELE.** O Blog é um espaço de interação da AELE com o mundo. No blog as memórias são preservadas e a história é renovada. Encontramos nesse espaço, desde as primeiras palavras proferidas pela oradora no ato da sua fundação, as notícias mais recentes da Casa Tobias Barreto.
2. **Aniversariantes da AELE.** Felicitação aos aniversariantes AELE com publicação de fotos e mensagens no facebook se tornou uma ação consagrada dessa gestão.
3. A **comissão editorial/científica** foi constituída para análise das produções científicas.
4. **Constituição de uma coordenação específica para o Concurso Literário.** O concurso literário tem o objetivo de estimular a produção escritas pelos estudantes das escolas da rede municipal, estadual e particular.
5. Conclusão do **Estatuto da AELE.** O texto foi revisado e atualizado conforme as mudanças ocorridas na trajetória da AELE.
6. **Registro do Estatuto da AELE.** Estatuto averbado e registrado sob nº 3392/0 no Serviço Notarial e Registral de Escada – Cartório Único – Averbado ao Reg. 458 de 06/10/2016.
7. **Recepção e concessão de Comendas de Mérito** à comitiva da cidade de Tobias Barreto constituída pelo Secretário de Cultura, professores e estudantes que incluíram a cidade de Escada/AELE no intercâmbio cultural em agosto/2016.
8. Premiação do **III Concurso Literário/2016**, premiação dos estudantes de escolas públicas e privadas, realizada na Faculdade da Escada.
9. **Lançamento do Livro** “Dinâmica de Grupo no Ensino de Língua Portuguesa” da Acadêmica correspondente, Ivoneide Calado em agosto/2016.

10. **Criação do Coral da AELE Sebastião Araújo** em agosto de 2016 com o objetivo de possibilitar uma forma diferente de expressão da musicalidade aos membros da AELE, estudantes de escolas públicas e comunidade em geral. Seu nome foi dado em homenagem ao Acadêmico Fundador da AELE Sebastião Araújo (*In Memoriam*), tendo a frente da Regência o Acadêmico Dimison César.
11. Reunião com o **Prefeito do Município de Tamandaré/PE** sobre a fundação ATLA - Academia Tamandareense de Letras e Artes em setembro/2016.
12. Participação em **Lançamento do livro** “O Regozijo e a Veemência” do Acadêmico Adriano Sales em setembro/2016.
13. Participação de **lançamento de livro** “Academia Palmareense de Letras, a perseguição a um sonho do Acadêmico Luciano França da APLE, em Palmares.
14. **Fundação da Academia** Tamandareense de Letras e Artes, posse e diplomação da diretoria (biênio 2016-2018) em 17 de setembro de 2016 na Escola Almirante Tamandaré, tornando-se madrinha da ATLA.
15. Reunião com os acadêmicos da ATLA para **planejamento do III Encontro das Academias** das Microrregiões de Pernambuco na cidade de Tamandaré/PE.
16. Participação da **AELE no Desfile Cívico Municipal** de 07 de setembro na cidade de Escada.
17. Participação da culminância do Projeto **Cafeteria Literária** realizado pela Escola professor Eraldo Campos em outubro/2016.
18. **8º Sarau Literário** Vida e obras de Tobias Barreto apresentadas pela Acadêmica fundadora Mariinha Leão em 08 de outubro/2016.
19. **Certificação concedida a Mariinha Leão** pela apresentação do 8º Sarau literário Vida e obras de Tobias Barreto.
20. Participação em **evento literário** realizado pela Escola Vigário Pedrosa em outubro/2016.
21. **IV Intercâmbio Cultural** na cidade de Tobias Barreto/Sergipe em outubro/2016 com acadêmicos, membros honorários, jovens intelectuais e amigos da AELE.
22. **Posse como acadêmicos correspondentes da ATLAS** dos seguintes acadêmicos da AELE: Adriano Sales, Ana Neto, Elizabeth Leocádio, Isabel Oliveira, José Luís Minduca, Lourdes Fragoso, Mariinha Leão, Sevatil Lobo, Teresinha Melo, Valdeci Leocádio e Valderês do Monte.

23. Participação da **AELE em entrevistas** em duas rádios na cidade de Tobias Barreto para apresentação da Casa Tobias Barreto.
24. Constituição da **comissão para construção do Regimento Interno** da AELE;
25. **II Sarau de Lendas Urbanas** realizado no Engenho Barra em novembro/2016 e coordenado pelo jovem intelectual Aléx Antonny.
26. Aprovação da ampliação do Sarau de lendas Urbanas para **Sarau de Lendas Rurais e Urbanas**.
27. **AELE é noiteira** em Missa da Festa de Nossa Senhora da Apresentação da Escada.
28. **Participação em Lançamento de Livro** “Projeto Rondon - Na Amazônia entre os Ticunas - As férias viraram aventura” do Acadêmico Dr. Francisco de Assis Silva em novembro/2016.
29. **Coordenação** junto a ATLA do **III Encontro das Academias de Letras** das Microrregiões de Pernambuco, realizado na Escola Almirante Tamandaré no Município de Tamandaré.
30. **Palestra sobre Tobias Barreto** proferida pela Acadêmica Mariinha Leão na FAESC – Faculdade da Escada em novembro/2016.
31. Apoio a **produção de CD** com coletânea natalina de autoria da Acadêmica Mariinha Leão.
32. Participação de **entrevista na Rádio Digital** em Escada para divulgação do CD de Mariinha Leão.
33. Participação no **III Encontro das Academias de Letras das Microrregiões de Pernambuco**, realizado na Escola Almirante Tamandaré no Município de Tamandaré em novembro/2016.
34. Participação em **Chá socioliterário** realizado pela Escola Agrícola Luiz Dias Lins sob a orientação da Acadêmica Rosilda Maria de Araújo em dezembro/2016.
35. Participação de acadêmicos em **banca avaliadora de apresentação de trabalho de conclusão de pesquisa** nos anos finais do Ensino Fundamental na Escola Dr. Fernando Campelo em dezembro/2016.
36. **Palestra** sobre Tobias Barreto proferida pela Acadêmica Mariinha Leão na Escola Lápis na mão em dezembro/2016.
37. **7º Natal com Poesias** em parceria com o Lions e a ONG Empatia na com a Comunidade do Campo do Riacho na Biblioteca Historiadora Marinha Leão.

38. **I Apresentação do Coral Sebastião Araujo** com repertório natalino no 7º Natal com Poesia.
39. **Recepção dos estudantes de Pedagogia** da Faculdade Osman Lins de Andrade do Município da Vitória de Santo Antão na sede da AELE.
40. **Funeral Acadêmico** – Solenidade Fúnebre da AELE – Acadêmico Efetivo – José Luiz Minduca.
41. **Elevação aos quadros da Imortalidade** do Acadêmico Fundador José Luís Minduca.
42. Participação em **Missa de 7º Dia** de José Luís Minduca.
43. **IV antologia da AELE** reunindo textos acadêmicos das áreas de Ensino, política educacional, Língua portuguesa, Meio Ambiente, Agricultura familiar e Pesca em dezembro/2016.
44. **Lançamento de CD** com coletânea natalina de autoria da Acadêmica Mariinha Leão em dezembro/2016.
45. **II apresentação do Coral Sebastião Araújo** - Hino da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, composição da Acadêmica Mariinha Leão.
46. Aprovação e publicação do edital de submissão de textos para o **I livro didático** Escada: como aprender e ensinar sobre o município, sob a coordenação do Acadêmico Tarcísio Augusto.
47. Aprovação da Produção **Antologia dos Patronos** com publicação do edital.
48. Realização do **I Baile Lírico da Saudade** em homenagem aos acadêmicos fundadores Mariinha Leão e Valdeci Leocádio, realizado no Lions Clube em fevereiro/2017.
49. **Homenagem às mulheres** feita em cordel literário pelo Acadêmico Valdeci Leocádio.
50. **9º Sarau literário** sobre vida e obra de João Cabral de Melo Neto por Valdeci Leocádio em março/2017.
51. Submissão de **Projeto de apoio ao Coral Sebastião Araújo** ao FUNCULTURA.
52. Participação no **I Coquetel Literário da ATLA** – Academia Tamandareense de Letras e Artes em abril/2017 na cidade de Tamandaré. Na ocasião, acadêmicos da AELE receberam certificado de participação no III Encontro das Academias de Letras e Artes das Microrregiões de Pernambuco.

53. Realização do **III Almoçando no Mercado** com entrega de homenagem aos artistas Dudoce e grupo, Arthur, Ezequiel e grupo, Carlos César, Dedo, Eugênio Jerônimo, Tico Cavalcanti, Regis do Teclado, Tom e Adriano Sales.
54. **Apresentação dos novos membros**/empossandos à sociedade escadense na Câmara Municipal em maio/2017.
55. Participação e apoio à **Semana FAESC de Literatura** 2017 e 2018.
56. **Lançamento de Livros** do Acadêmico Tarcísio na semana FAESC de Literatura/2017 com a participação de acadêmicos e estudantes.
57. **II Lançamento de Livro** do Acadêmico Francisco de Assis na semana FAESC de Literatura/2017 com a participação de acadêmicos e estudantes.
58. Participação do evento de comemoração do **6º aniversário do Museu Cícero Dias**, coordenado pelo Acadêmico Álex Antony em maio/2017.
59. Realização da exposição **Vida e Obra de José Luís Minduca** na Câmara Municipal entre os dias 17 a 19 de maio/2017.
60. Participação em **Sessão da Câmara** com vistas a concessão de espaço físico para AELE.
61. **24 de maio de 2017**. Comemoração do 7º Aniversário da AELE e Posse de novos membros – 05 Acadêmicos Efetivos, 02 Acadêmicos Correspondentes, 03 Membros Honorários e 04 Jovens Intelectuais, na FAESC.
62. Instituição da **Comenda José Luís Minduca da Cultura Escadense**. Instituída por ocasião do 7º aniversário da AELE em homenagem ao Acadêmico Fundador José Luís Minduca.
63. **Lançamento da 9ª Edição do Jornal Espaço Cultural** enfatizando as atividades do semestre da nova diretoria/AELE.
64. Recebimento do **3º Voto de Aplauros** concedido pelo presidente do Rotary/Bahia e Acadêmico Correspondente da AELE Adilson Gomes.
65. Apoio da AELE ao evento **Forró na Feira**, idealizado pelo artista sanfoneiro Ezequiel Silva e realizado no Mercado Público.
66. **Coordenação** do Evento **Forró dos amigos** realizados pelo Membro Benemérito José Mauro Chaves no mercado em 10 de junho de 2017.
67. **Aprovação do projeto de apoio ao Coral** na primeira etapa de avaliação pela FUNCULTURA.

68. **III Forró da AELE** realizado no Restaurante Vitorino com a participação da Escola Dr. Fernando Campelo com apresentação do musical em homenagem a Jackson do Pandeiro.
69. **AELE é noiteira** da Festa da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus em Jaguaribe em junho/2017.
70. Participação em **entrevista na Rádio Digital** para divulgação do Cd de Dedo em julho/2017.
71. Apoio e participação no **evento de lançamento do CD** de Valdeci Leocádio “Eco de um Grito” realizado no Restaurante Vitorino em julho/2017.
72. Participação da **cerimônia de posse** de novos integrantes da ATLA realizada na cidade de Tamandaré em agosto/2017.
73. Participação do evento **“Uma noite no Museu – 1º Sarau: Memória dos Escadenses pela AELE**, realizado no Museu Cícero Dias com palestra proferida pelo Acadêmico Eli Rodrigues em agosto/2017.
74. Realização do **IV Concurso Literário da AELE**: Vida e Obra de Tobias Barreto, envolvendo estudantes do 6º ao 9º ano e os gêneros poesia, contos e cordéis, com premiação dos vencedores na Escola Municipal Barão de Suassuna.
75. **Criação dos prêmios** Poeta José Luiz Minduca, Contista professora Vanilda Lobo e Cordelista Valdeci Leocádio para premiação no IV Concurso Literário.
76. **I Concerto Oficial do Coral Sebastião Araújo** “Coisas que o Lua Canta” na Paróquia do Sagrado Coração de Jesus com a participação de músicos da Universidade Federal de Pernambuco em agosto/2017.
77. **10º Sarau Literário** sobre Huberto Rohdeni realizado pelo Acadêmico Marcos Galdino em agosto/2017.
78. **Reunião de Planejamento do IV Intercâmbio Cultural** com Acadêmicos da ALAG em Gravatá.
79. **Participação no I Intercâmbio Cultural da ATLA** realizado na Academia Pernambucana de Letras com palestra sobre a Crise na Educação em setembro/2017.
80. Instituição da **I Camisa oficial** da AELE em setembro de 2017.
81. Instituição de **PIN com o Brasão** da AELE.
82. Instituição da **histola oficial** da AELE.

83. Participação em **Solenidade de Posse de Novos Membros no Instituto Histórico Arquetônico e Geográfico** da Escada e aposição da Placa de Patrimônio na Casa Grande do Engenho Barra da família Bastos.
84. **I Via/Circuito Cultural** no Teatro de Santa Isabel para audição do Concerto Cortejos e Colagens no qual a Orquestra Sinfônica da Universidade Federal de Pernambuco apresentou as composições do Padre José Maurício Nunes Garcia e **jantar de confraternização** no Restaurante Paraxaxá com acadêmicos, membros honorários e amigos da AELE em agosto/2017.
85. Instituição da **Comissão Jurídica da AELE** para tratar especificamente das questões jurídicas com foco na aquisição de um espaço para sediar a Casa Tobias Barreto.
86. **Reunião da comissão jurídica** com o prefeito Lucrécio Gomes para pleitear Concessão de Espaço Físico para sediar a AELE
87. **V Intercambio Cultural** na cidade de Gravatá com Visita à oficina de J. Borges Bezerras/PE e sessão solene de homenagem ao Acadêmico fundador da AELE, José Luís Minduca na ALAG.
88. Participação do **IV Encontro das Academias** das Microrregiões de Pernambuco pela ALAG na cidade de Gravatá no Hotel Porto da Serra.
89. Aquisição da **I caixa amplificada e microfones**;
90. Aquisição de **estante de partitura**.
91. **Instituição da Comenda Dímison César** ordem do Canto coral e Instrumental Filarmônico;
92. **Participação**, como convidado, da Santa Missa Votiva da Padroeira e lançamento da tradicional Festa de Nossa Senhora da Apresentação da Escada 2017.
93. **11º Sarau Literário** vida e obras de Gilberto Freire pelo Acadêmico Tarcísio Augusto realizado 2017.
94. **III Sarau de Lendas Rurais** e Urbanas coordenado pelo Acadêmico efetivo Álex Antony.
95. **Participação do Coral da Sebastião Araújo** da AELE na Programação Cultural da Festa de Nossa Senhora da Apresentação da Escada em novembro/2017;
96. Lançamento da **V Antologia** de textos literários.

97. **8º Natal com Poesias** em parceria com o Lions realizado em dezembro/2017.

98. II Concerto do Coral Sebastião Araújo – **Cantata Natalina** - na Matriz de Nossa Senhora da Apresentação da Escada em dezembro/2017.

AÇÕES A SEREM REALIZADAS AINDA NESSA GESTÃO

99. **Instituição da Comenda Dímison César** ordem do Canto coral e Instrumental Filarmônico

100. **Apresentação oficial da AELE** aos Chefes do Executivo da Prefeitura de Escada em novembro/2017

101. Recolocação da Placa de identificação da **Praça Tobias Barreto** pela Prefeitura Municipal da Escada;

102. **Adoção da Praça Tobias Barreto** pela AELE;

103. **Aquisição de terreno** no bairro de Jaguaribe para construção da sede da AELE;

104. Produção da **Antologia sobre os Patronos**.

105. Produção do livro didático **ensinando e aprendendo sobre Escada**.

106. Desenvolvimento do projeto de produção de **Vídeos sobre poesias e músicas** para publicação no Youtube.

107. **Produção de E-book** sobre os Intercâmbios culturais, com periodicidade de 2 em 2 anos. A produção se constituirá em um compêndio que reunirá fotos e textos das experiências da AELE nos intercâmbios realizados (Tobias Barreto/SE e Gravatá/PE).

108. **Inscrição da AELE no CNPJ**

109. **Homenagem a José Luis Minduca** dando a biblioteca da FAESC o seu nome.

110. Homenagem aos **descendentes vivos** das comendas de Mérito Político Cidadão, Mérito Ecologista e Mérito Saúde.

111. **II Via/Circuito Cultural** – Quarta as quatro e Museu do homem do Nordeste.

112. **II Baile Lírico** da Saudade em fevereiro/2018.

113. Realização do **12º Sarau literário** da acadêmica fundadora Elizabeth Leocádio.
114. **IV Concurso Literário da AELE**
115. **IV Almoçando no Mercado**
116. Solenidade de comemoração do **8º aniversário da AELE** e de posse de novos membros.
117. **IV forró** da AELE
118. **VI concerto** do coral Sebastião Araújo.
- 119. Eleição da nova diretoria**
120. Entrega de **I PIM** de reconhecimento aos membros da diretoria pela dedicação durante a gestão.
121. Posse de **novos membros beneméritos**

Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto
Presidente

Adriano Sales
Vice-presidente